



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA APLICADA**

THAYNÁ MARQUES DE LIMA

**ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE ESTUDANTES DO (PRÉ) PROGRAMA
ESTUDANTES-CONVÊNIO (PEC-G) NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Brasília, DF

2021

THAYNÁ MARQUES DE LIMA

**ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE ESTUDANTES DO (PRÉ) PROGRAMA
ESTUDANTES-CONVÊNIO (PEC-G) NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Língua e Cultura na Competência Comunicativa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa.

Banca examinadora formada por:

Profa. Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa – Universidade de Brasília (Orientadora)

Profa. Dra. Bruna Pupatto Ruano

(Examinador Externo)

Profa. Dra. Ana Emilia Fajardo Turbin

(Examinador Interno)

Prof. Dra. Helena Santiago Vigata

(Membro Suplente – Universidade de Brasília)

Brasília, 2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ma Marques, Thayná
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE ESTUDANTES DO (PRÉ) PROGRAMA
ESTUDANTES-CONVÊNIO (PEC-G) NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA /
Thayná Marques; orientador Lucia Maria de Assunção Barbosa .
-- Brasília, 2021.
94 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística Aplicada)
- Universidade de Brasília, 2021.

1. Programa PEC-G. 2. Pré-PEC-G. 3. Acolhimento. I.
Maria de Assunção Barbosa , Lucia, orient. II. Título.

Tenho vinte e cinco anos

De sonho e de sangue

E de América do Sul

Belchior

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e a tudo Nele que me permitiu ser e estar aqui, fazendo e sendo o que eu sou. Em segundo, a minha família, que sempre me apoiou nos estudos e acredita no meu potencial.

Em seguida, agradeço a tudo que vivi na Universidade de Brasília e a todos que nela conheci. Agradeço à minha orientadora, Lucia Maria de Assunção Barbosa pela oportunidade, pela paciência e sabedoria. Com ela aprendi que no mundo acadêmico ainda há a possibilidade de acolher, compreender e olhar o outro com cuidado e empatia; por isso e mais, minha eterna gratidão.

Em seguida, agradeço a todos os amigos (de alma) que fiz durante minha caminhada acadêmica: Denise, Luand, Cida, Lara e Ingrid, sem vocês meus dias na UnB teriam sido tediosos. Agradeço também aos meus amigos de vida, Fillipe, Walber, Beatriz, Eduarda, Ângela, Yohana, Wedylon e Janila, os quais posso sempre contar, e, direta ou indiretamente me ajudaram chegar até aqui.

Agradeço também a paciência e o carinho de todos que participaram desta pesquisa, e, em especial, ao grupo pré-PEC-G, que, mesmo em curto tempo de interação me foram gentis e me fizeram sentir querida; o que ensinei é uma gota em relação ao que aprendi com eles.

Da mesma forma, sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA) da Universidade de Brasília. Irei me lembrar com muito carinho do corpo docente e de tudo que vivi.

Minha consideração, também, a todos que um dia se aventuraram no tema que estudei e que contribuíram para o que hoje apresento. Na jornada acadêmica ninguém realiza nada sozinho, e felizmente tive ajuda e apoio durante este processo, mesmo que conturbado, que é o mestrado. Sinto-me muito feliz em ver que consegui realizar uma pesquisa ao nível de pós-graduação, mas, mais feliz ainda em ver que tive pessoas ao meu lado durante o processo.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender de que forma os estudantes participantes do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) estão sendo recebidos academicamente nas universidades. Para participar do Programa, os interessados devem realizar o exame de proficiência CELPE-Bras - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros. Desse modo, os jovens participantes dos países que integram o convênio PEC-G, que forem aprovados no exame, são aceitos pelas instituições para que possam fazer cursos de graduação pelo Brasil gratuitamente. Ademais, entre os estudantes interessados, há aqueles que desembarcam no Brasil para uma estadia de 8 meses, a fim de se prepararem para a realização do exame CELPE-Bras: os estudantes pré-PEC-G. A Universidade de Brasília é desde 1983 uma das instituições conveniadas ao Programa. Portanto, para perceber as nuances desta cooperação educacional brasileira e os efeitos nos jovens aceitos pelo programa, foi necessário traçar um histórico do programa no Brasil e na UnB. Para isso, esta pesquisa se caracteriza como uma investigação baseada na abordagem qualitativa. Desta forma, além da pesquisa qualitativa, foi pertinente compreender o histórico do programa por meio de uma revisão de literatura, através de autores como Gusmão (2005), Hirsch (2007), Andrade e Teixeira (2009), C6 (2011), Amaral (2013), Amaral e Meneghal (2015), Lima e Feitosa (2017), Almeida (2019), Carvalho (2019) entre outros. Após realização desse percurso histórico, identifiquei a necessidade de verificar a situação dos estudantes pré-PEC-G e seu acolhimento institucional na Universidade de Brasília. Para a geração de dados, foi realizada uma pesquisa-ação em formato de minicurso sobre gêneros textuais, cujo objetivo era contribuir para a formação acadêmica de um grupo de prováveis novos estudantes da graduação dentro da Universidade de Brasília.

Palavras-chaves: Programa PEC-G. Pré-PEC-G. Acolhimento.

ABSTRACT

This paper's objective was to understand how students enrolled in the PEC-G Program are being academically received in their respective Universities. To participate in the Program, interested have to achieve the CELPE-Bras - Certificate of Proficiency in Portuguese Language for Foreigners. Furthermore, young adults are accepted free of charge into degree courses in different Institutions throughout Brazil. Likewise, there is also another student group comprised of students who stay in Brazil for eight months in order to prepare for the CELPE-Bras exam: the "pré-PEC-G" group. Only those who pass the exam can enrol in the degree course through the PEC-G program. The University of Brasília is, since 1983, one of the Universities which offers degree courses for these students. As such, in order to better understand the nuances in this Brazilian educational cooperation and its effects on students enrolled in the program, it was necessary to trace the history of this program in Brazil and at UnB. For that end, this paper is categorized as research based on the qualitative approach. In addition to the qualitative research, it was necessary to comprehend the history of the program by analyzing previous literature on the topic by authors such as Gusmão (2005, 2011), Hirsch (2007), Andrade e Teixeira (2009), Có (2011), Amaral (2013), Amaral e Meneghal (2015), Lima e Feitosa (2017), Almeida (2019), Carvalho (2019) among others. After tracing the program's history through Brazil, I have identified the necessity of checking on the situation of "pré-PEC-G" students, as well as their institutional reception at the University of Brasília. For the data collection, it was used an action research in the form of a minicourse on text genres with the intent of contributing to the academic formation of a group of probably new students of degree courses at the University of Brasília.

Keywords: PEC-G Program. Pré-PEC-G. Reception.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos de fichamento – minicurso de fichamento	63
Figura 2 – Fichamento 1 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	64
Figura 3 – Fichamento 2 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	65
Figura 4 – Fichamento 3 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	65
Figura 5 – Fichamento 4 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	66
Figura 6 – Registro de Plano de Trabalho – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	67
Figura 7 – Pré-projeto de pesquisa – CELPE-Bras – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa.....	68
Figura 8 – Pré-projeto de pesquisa – CELPE-Bras – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa.....	69
Figura 9 – Pré-projeto de pesquisa – PEC-G – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa	70
Figura 10 – O que é resenha para você? – Minicurso de resenha textual	72
Figura 11 – Resenha 1 – Minicurso de elaboração de resenha	73
Figura 12 – Resenha 2 – Minicurso de elaboração de resenha	75
Figura 13 – Resenha 3 – Minicurso de elaboração de resenha	76
Figura 14 – Resenha 4 – Minicurso de elaboração de resenha	76
Figura 15 – Resenha 5 – Minicurso de elaboração de resenha	77
Figura 16 – Avaliação 1 – Minicurso de resenha	79
Figura 17 – Avaliação 2 – Minicurso de resenha	79
Figura 18 – Avaliação 3 – Minicurso de resenha	80
Figura 19 – Avaliação 4 – Minicurso de resenha	80

Figura 20 – Avaliação 5 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	81
Figura 21 – Avaliação 6 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	81
Figura 22 – Avaliação 7 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	82
Figura 23 – Avaliação 8 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	82
Figura 24 – Avaliação 9 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	82
Figura 25 – Avaliação 10 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa.....	83

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Países participantes do programa PEC-G (2021).....	21
Quadro 2 – Total de candidatos selecionados pelo PEC-G dos anos 2010 a 2019 – África, América Latina e Caribe e Ásia.....	23
Quadro 3 – Estudos sobre o PEC-G (pré-PEC-G)	41

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Estudantes PEC-G ingressantes na UnB por Continente.....	28
Tabela 2 – 10 IES com maior quantidade de vagas ofertadas 2014 a 2018	28
Tabela 3 – Cursos de português para estrangeiros PEC-G oferta de vagas por IES	29
Tabela 4 — Quantidade de estudantes pré-PEC-G na Universidade de Brasília em 2019 por país e idioma oficial.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELPE-BRAS	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
MRE	Ministério das Relações Exteriores
PALOPS	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PEC- G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PLA	Português como Língua Adicional
Pré-PEC-G	Estudantes ainda não aceitos institucionalmente nas Universidades
UnB	Universidade de Brasília

CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO

Para a transcrição dos textos das entrevistas semiestruturadas, utilizei as convenções a seguir, baseadas em Marcuschi (2003).

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Pausas: pausas e silêncios são indicados entre parênteses, por segundos. Em pausas pequenas usa-se o sinal +.	() (+)
Dúvidas e suposições: Pausas: pausas e silêncios são indicados entre parênteses, por segundos.	(incompreensível), (inaudível)
Truncamentos bruscos: Quando um falante corta uma unidade, usa-se a barra.	/
Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA. Quando uma sílaba ou palavra é pronunciada com ênfase.	ESTUDANTES, EU
Alongamento de vogal: quando ocorre um alongamento da vogal, o indicamos com a marca de dois pontos.	e::u, acredito::
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: buscamos reproduções de sons cuja grafia é muito discutida	Eh, ah::, ih, mhm, ahã
Interrogação	?

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CAPÍTULO I	15
2.1 Contextualização da Pesquisa.....	15
2.2 Justificativa da Pesquisa	16
2.2.1 Além do PEC-G	17
2.3 Objetivos da Pesquisa.....	17
2.4 Organização da Dissertação.....	18
3 O PROGRAMA PEC-G: BREVE HISTÓRICO	20
3.1 O PEC-G.....	20
3.2 PEC-G Processo Seletivo e CELPE-Bras	24
3.3 PEC-G na Universidade de Brasília.....	27
3.3.1 Pré-PEC-G	29
3.3.2 Narrativas das professoras sobre o pré-PEC-G.....	32
3.4 Estudos Realizados no Brasil sobre o PEC-G	38
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	44
5 METODOLOGIA.....	50
5.1 A pesquisa Ação	52
5.2 O contexto da Pesquisa.....	54
5.3 O Trabalho de Divulgação	54
5.4 Os Participantes	56
5.5 A Pesquisadora.....	57
6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	58
6.1 Entrevista.....	58
6.2 Minicurso de Gêneros Textuais	59
6.3 Observação Sistemática.....	60
7 ANÁLISE DE DADOS.....	62
7.1 Minicurso de Fichamento e Pré-Projeto de Pesquisa	62
7.2 Fichamento de Resenha.....	71

8 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO MINICURSO	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A – PARECER DA COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO DO IL.....	90
ANEXO B – PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DO MINICURSO DE ELABORAÇÃO DE FICHAMENTO E PRÉ-PROJETO DE PESQUISA	91
ANEXO C – PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DO MINICURSO DE ELABORAÇÃO DE RESENHA ACADÊMICA	92
ANEXO D – PERGUNTAS DE ENTREVISTA.....	93

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco compreender o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), programa convênio que se destina à formação e à qualificação de estudantes estrangeiros por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior – IES brasileiras (BRASIL, 2013). O Programa atende majoritariamente Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), mas também participam países latinos americanos e asiáticos. Ademais, quem se candidata ao programa necessita da aprovação no exame CELPE-Bras; alguns países não oferecem o curso preparatório de português e a aplicação do exame e os participantes necessitam realizar este curso nas IES brasileiras (BRASIL, 2013). Para alcançar os objetivos desta pesquisa, realizei entrevistas semiestruturadas com três professoras do grupo pré-PEC-G com o propósito de complementar a ausência de informações sobre o acolhimento desses estudantes na Universidade de Brasília. A percepção desta ausência de dados também se deu por uma revisão da literatura disponível sobre o tema no Brasil. Posteriormente, com base no referencial teórico de estudiosos sobre o assunto, a pesquisa pretende analisar a repercussão social e cultural deste programa, da mesma forma objetiva que busca compreender o papel dos estudantes do programa nesse processo. As entrevistas e a revisão de literatura contribuíram para a reflexão e discussão do trabalho, bem como para os resultados da pesquisa. Em seguida, busquei ampliar os estudos sobre os estudantes ainda não aceitos institucionalmente dentro das IES brasileiras, os pré-PEC-G. Desse modo, para auxiliá-los, elaborei um minicurso de gêneros textuais, o qual foi ministrado por mim em 2019.

2 CAPÍTULO I

Nesta seção, serão feitas a contextualização e exposição da justificativa da pesquisa. Em seguida, serão expostos os objetivos. Por fim, será apresentado a organização da dissertação.

2.1 Contextualização da Pesquisa

O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G foi desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas – federais e estaduais – e particulares. O PEC-G seleciona estrangeiros, entre 18 e, preferencialmente, até 23 anos, com ensino médio completo, para realizar estudos de graduação nos países participantes (BRASIL, 2013). Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores (2021), atualmente, são 69 os países participantes no PEC-G, sendo 28 da África, 25 das Américas e Caribe, 9 da Ásia e 6 países da Europa. Hodiernamente, mais de 100 universidades pelo Brasil acolhem/recebem estudantes através do programa PEC-G. Em Brasília, há a faculdade particular UDF – Centro Universitário¹ do Distrito Federal e a UnB – Universidade de Brasília. Ao todo, são mais de 200 cursos oferecidos entre as universidades (MRE, 2021).

Segundo Almeida (2019), o PEC-G é recebido na Universidade de Brasília desde 1983 e até o ano de 2018, 558 estudantes do programa foram registrados na Universidade, vindos de países da África, América Latina e Caribe, além da participação de 7 asiáticos e 2 europeus.

Para participarem do PEC-G os estudantes devem apresentar o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, CELPE-Bras. Segundo o Ministério da Educação (MEC), o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras) é o exame brasileiro oficial para certificar proficiência em português como língua estrangeira. Caso o exame não seja aplicado no seu país de origem, o estudante pode fazê-lo no Brasil, após concluir o Curso de Português para Estrangeiros em alguma IES. A Universidade de Brasília é uma das Instituições que oferece o curso preparatório para esses estudantes.

Desde os anos 2000, houve mais de 9.000 selecionados na UnB para o programa PEC-G. A África é o continente de origem da maior parte dos estudantes, com 76% dos selecionados.

¹ As Instituições vinculadas ao PEC-G participam de forma voluntária e a disponibilidade de vagas e assistência aos estudantes são por conta da mesma.

Entre as nações africanas participantes, destacam-se Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola (MRE, 2021).

O começo do Programa ocorreu na década de 1960, com o propósito do governo amparar estudantes oriundos de outros países, por conta do número de estrangeiros que chegavam ao Brasil na época. Com a implementação do Programa, fez-se indispensável a criação de uma regulamentação interna do *status* desses estudantes que ingressavam no país; logo, havia necessidade de unificar as condições do intercâmbio estudantil e de garantir tratamento semelhante aos estudantes por parte das universidades (MRE, 2021). Dessa forma, em 1965 foi lançado o primeiro Protocolo do PEC-G. Atualmente, o Programa é regido pelo Decreto Presidencial nº 7.948, publicado em 2013, que confere maior força jurídica ao regulamento do PEC-G (MRE, 2021).

Para cursar a graduação no Brasil, o estudante, conforme o Decreto nº 7.948 que dispõe sobre o PEC-G, deve comprovar sua aprovação no exame CELPE-Bras.² O exame é aplicado semestralmente no Brasil e no exterior pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), com apoio do Ministério da Educação (MEC) e em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2013). Além da sua aprovação no CELPE-Bras, o participante deve comprovar que é capaz de custear suas despesas no Brasil além de apresentar o seu certificado de conclusão de ensino médio.

2.2 Justificativa da Pesquisa

Nesta seção, contextualizarei a importância desta pesquisa diante do quadro de trabalhos elaborados na área do PEC-G no nível de graduação e Pós-graduação no Brasil. Por conseguinte, irei relatar minha experiência com o Programa visando explicitar o que motivou minha investigação.

² O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras) é o exame brasileiro oficial para certificar proficiência em português como língua estrangeira. O exame é aplicado semestralmente no Brasil e no exterior pelo Inep, com apoio do Ministério da Educação (MEC) e em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MEC, 2021).

2.2.1 Além do PEC-G

A decisão de realizar esta pesquisa partiu do meu interesse em compreender a participação institucional de estudantes do programa convênio PEC-G na Universidade de Brasília. Nesse sentido, me interessei em observar a presença desses participantes em atividades como iniciações científicas, PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, estágios, empresas juniores, grupos de trabalho, projetos de pesquisas, eventos institucionais, entre outros. Para isso, foi necessário entender o funcionamento do PEC-G não apenas na Universidade bem como sua trajetória no Brasil.

Felizmente, verifiquei que há uma crescente produção científica voltada ao estudo do programa PEC-G, sendo base teórica para a construção dessa pesquisa, tais como: Gusmão (2005), Hirsch (2007), Andrade e Teixeira (2009), Có (2011), Amaral (2013), Amaral e Meneghal (2015), Lima e Feitosa (2017), Almeida (2019), Carvalho (2019).

Assim, considerando os fluxos migratórios contemporâneos e o aumento no número de estudantes estrangeiros que o Brasil vem recebendo nos últimos anos, investigo como a Linguística Aplicada pode contribuir para o acolhimento institucional dos grupos provenientes do convênio PEC-G.

2.3 Objetivos da Pesquisa

Considerando o exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral:

- Compreender o Programa Estudante Convênio de Graduação – PEC-G e sua trajetória no Brasil e na Universidade de Brasília.

Dessa forma, foi necessário perceber o PEC-G, assim como os seus referentes documentos, decretos e seu funcionamento. Apresento, a seguir, os objetivos específicos desta dissertação:

1. Compreender a estadia e vivências desses estudantes estrangeiros nas diversas IES pelo Brasil através de uma análise bibliográfica sobre este acordo educacional.

2. Observar os impactos de um minicurso de gêneros textuais³ ofertado por mim no segundo semestre de 2019 para jovens que ainda estavam para entrar nas IES, os pré-PEC-G.

Destarte, na próxima seção, apresento a organização dessa pesquisa.

2.4 Organização da Dissertação

Esta dissertação está dividida em seis capítulos.

Neste primeiro capítulo fiz a introdução geral da pesquisa; no capítulo dois apresentei o contexto, a justificativa, a motivação, os objetivos e a divisão da dissertação.

No capítulo três, foi feito um histórico do PEC-G no Brasil e na Universidade de Brasília e suas devidas implicações. O terceiro capítulo também contém uma seção sobre os estudos representativos no Brasil sobre o PEC-G, e conseqüentemente, o pré-PEC-G. Da mesma forma, esse capítulo possui relatos obtidos através de entrevistas semiestruturadas com três professoras do pré-PEC-G.

Em seguida, o capítulo quatro se dedica à revisão de literatura de estudos já realizados na área, propondo uma discussão teórica sobre os sujeitos envolvidos no convênio PEC-G.

O capítulo cinco contém os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, nele foi apresentado a abordagem e o método que guiaram a análise do trabalho. Descrevo o contexto, assim como os participantes da pesquisa e os instrumentos de coleta dos registros utilizados.

No capítulo seis, foi apresentado os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa. Em seguida, no capítulo sete foi realizado o trabalho de análise de dados gerados a partir do minicurso de gêneros textuais proposto nos objetivos da pesquisa que, por sua vez, possuiu o intuito de ofertar aos estudantes do pré-PEC-G na Universidade de Brasília minicursos de gêneros textuais.

O capítulo oito contém as avaliações feitas pelos jovens sobre as atividades propostas nos minicursos.

³ Durante o desenvolvimento do projeto, fomos acometidos pela pandemia do Covid-19, portanto os dados obtidos neste minicurso presencial são dos jovens que estavam na Universidade de Brasília no ano de 2019.

Por fim, o último capítulo apresenta as conclusões e limitações deste estudo assim como sugestões para futuras investigações na área.

3 O PROGRAMA PEC-G: BREVE HISTÓRICO

Em vista dos objetivos deste trabalho, é pertinente compreender o que é o PEC-G e detalhar o histórico do Programa no Brasil e na Universidade de Brasília. Em primeiro, foi traçado um histórico do PEC-G no Brasil, as disposições do programa para os estudantes assim como o PEC-G na Universidade de Brasília. Em seguida, foi explicitado o funcionamento do programa pré-PEC-G dentro da UnB e suas implicações.

3.1 O PEC-G

O Programa de Estudantes-Convênio foi criado nos cursos de graduação⁴ oficialmente em 1965 pelo Decreto nº 55.613 e foi revogado pelo Decreto nº 7.948 de 12 de março de 2013 pela presidenta Dilma Rousseff. Segundo o Decreto de nº 7.948, o programa é implementado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) pelo Ministério da Educação (MEC).

O MRE é responsável por coordenar os procedimentos em relação à implementação do programa junto aos governos estrangeiros e o MEC se responsabiliza por coordenar os procedimentos referentes à adesão das Instituições de Ensino Superior – IES, à oferta de vagas, seleção, matrícula dos estudantes assim como o acompanhamento do programa (ALMEIDA, 2019). Contudo, o MRE e o MEC não interferem em questões de natureza acadêmica das IES integrantes do programa.

As linhas gerais do PEC-G evidenciam que o programa constitui:

[...] um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso. (BRASIL, 2013)

Para participar do programa o grupo interessado precisa estar atento ao edital e a seleção de vagas disponibilizados por edital pelo MEC. Para um estrangeiro se inscrever no PEC-G, conforme disposto no decreto, é necessário:

- Ser residente no exterior e não ter visto brasileiro;

⁴ No Brasil, há também o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), criado oficialmente em 1981, para formação em cursos de pós-graduação strictu sensu (mestrado e doutorado) em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras (MRE, 2021).

- Maior de 18 anos e preferencialmente ter até 23 anos;
- Afirmarem Termo de Responsabilidade Financeira, onde devem certificar que possuem meios para custear despesas com transportes e seu sustento no Brasil durante sua graduação;
- Apresentarem certificado de conclusão de ensino médio assim como o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros – CELPE-Bras (BRASIL, 2013).

Assim sendo, é oportuno considerar a trajetória do programa no Brasil como uma das mais antigas iniciativas brasileiras de cooperação internacional.

De acordo com Sousa (2015, p. 19):

Na década de 1960, os países PALOP eram colônias portuguesas e o grupo de estudantes estrangeiros inscritos no PEC-G eram, em sua maioria, procedentes de países da América Latina. Após o processo de independência das colônias portuguesas na África, na década de 1970, os países africanos aderiram ao programa e, gradativamente, os PALOP se tornaram os países com maior número de estudantes vinculados ao PEC-G.

Dados de Bizon (2013) comprovam que o convênio teve início em 1917, mas apenas em 1965 passou a ser operacionalizado por meio de um protocolo de regulação de seu funcionamento. Dois anos depois, em 1967, o protocolo passou por uma primeira atualização e, em 1973, ganhou uma terceira versão, que vigorou pelo decreto de 2013.

Dados do MRE (2021) indicam que atualmente participam do programa 68 países, sendo 28 da África, 9 da Ásia, 6 da Europa e 25 países da América Latina e Caribe; os países integrantes do programa estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Países participantes do programa PEC-G (2021)⁵

PAÍSES CREDENCIADOS – PEC-G 2021

África (28 países)
África do Sul, Angola, Argélia, Benin, Botsuana, Cabo Verde, Camarões, Costa do Marfim, Egito, Etiópia, Gabão, Gana, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Mali, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Quênia, República Democrática do Congo, República do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia, Togo, Tunísia e Zâmbia.

⁵ Fonte: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/oportunidades-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>. Acesso em: 20 jun. 2021.

América Latina e Caribe (25 países)
Antígua & Barbuda, Argentina, Barbados, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Suriname, Trinidad & Tobago, Uruguai e Venezuela.
Ásia (9 países)
China, Coreia do Sul, Índia, Irã, Líbano, Paquistão, Síria, Tailândia e Timor-Leste.
Europa (6 países)
Armênia, Bulgária, Hungria, Macedônia do Norte, Polônia e Turquia.

Fonte: MRE, 2021. Elaborado pela autora.

Segundo Almeida (2019) para que o país consiga participar do PEC-G é preciso que o acordo faça menção à oferta de oportunidades de estudo nos países signatários (intercâmbio, programas de mobilidade acadêmica, etc.). Após existir um acordo que apresente tais oportunidades, o país apresenta ao MRE o interesse em ingressar no PEC-G. Depois da análise do MEC e havendo um parecer favorável, o país é incluído no processo seletivo, assim como recebe informações detalhadas sobre o programa. Da mesma forma, as representações diplomáticas brasileiras naquele país recebem instruções para divulgar o PEC-G e realizar as inscrições.

Estudos do mesmo autor (ALMEIDA, 2019) indicam que em 1919, estudantes argentinos, chilenos, paraguaios e uruguaios realizaram cursos de nível superior no Brasil, inclusive na Escola Militar e na Escola Naval. Em 1941, em decorrência das relações culturais entre Brasil e Bolívia, surge o primeiro grupo de estudantes bolivianos no Brasil. O Programa, portanto, é o mais antigo programa governamental brasileiro de cooperação internacional na Educação Superior (*op.cit.*, 2019, p. 20).

De acordo com Amaral (2013), através de dados do gestor do PEC-G no MEC, não há nos registros um número exato de estudantes estrangeiros do PEC-G desde o início do Programa. Contudo, a autora (2013) apresenta uma planilha geral do MEC que indica a emissão de diplomas, tendo recolhido as informações de maneira não sistemática. Nesta planilha, foram

4258 diplomas emitidos para estudantes da África, 4191 da América Latina, 8 de Outras Regiões e 85 de Sem Informações, totalizando 8421.

No entanto, há dados do PEC-G disponíveis na internet em relação à quantidade de estudantes recebidos no programa na última década, até o ano de 2019. As informações são de estudantes selecionados na África, América Latina e Caribe e Ásia, como o Quadro 2 aponta:

Quadro 2 – Total de candidatos selecionados pelo PEC-G dos anos 2010 a 2019 – África, América Latina e Caribe e Ásia.⁶

ANO	África	América Latina e Caribe	Ásia
2000	187	135	
2001	214	172	
2002	451	140	
2003	442	82	
2004	395	52	
2005	650	130	
2006	589	127	1
2007	378	125	
2008	784	118	
2009	517	125	
2010	383	115	
2011	376	84	1
2012	444	99	
2013	255	132	37
2014	339	147	4
2015	357	162	4
2016	287	171	7
2017	325	155	11
2018	281	163	8
2019	337	158	14
TOTAL	7.991	2.592	87
TOTAL DE ESTUDANTES	10.670		

⁶ Fonte: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Fonte: página virtual da DCE/MRE. Elaborado pela a autora.

Ainda que no Quadro 1 o programa apresente mais países participantes, os dados disponíveis sobre os países participantes no site do MRE contam apenas com países da África, América Latina e Caribe e Ásia. Até o ano de 2019 não há participantes da Europa, assim como a quantidade de asiáticos é a menor entre os participantes, enquanto os jovens africanos representam a maioria no programa.

Nesse sentido, Almeida (2019) acredita que a quantidade de participantes africanos pode possuir alguns fatores como:

A África é a origem da maioria dos estudantes PEC-G, possivelmente por ser o continente mais pobre do mundo e ter uma quantidade menor de universidades. Além de ter vários países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP (onde são promovidas políticas de incentivo a interação entre os países), como é o caso de Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Angola, que tem o português como língua oficial e são os países com maior quantidade de estudantes participantes no Programa. (ALMEIDA, 2019, p. 29)

Ainda segundo o autor (2019) os países PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – foram os maiores participantes do PEC-G de 2006 a 2018 (nesse mesmo período a UnB recebeu 243 jovens). Neste tempo houve um total de 1.826 estudantes de Cabo Verde, 818 de Guiné-Bissau e 693 de Angola. Nesta ordem há os países africanos não PALOPs: 446 estudantes da República Democrática do Congo e 394 do Benim. Entre os latino-americanos, nesses mesmos anos, há destaque para o Paraguai com 383 estudantes.

3.2 PEC-G Processo Seletivo e CELPE-Bras

Nessa seção, é apresentado o processo seletivo do PEC-G e o exame CELPE-Bras. Em seguida, é detalhado um pouco mais a história do PEC-G no contexto da Universidade de Brasília.

Em primeiro, no que concerne a quantidade de vagas, o Ministério da Educação estabelece, anualmente, o total por curso ofertadas no âmbito do PEC-G após indicação da disponibilidade das IES participantes (ALMEIDA, 2019).

Após a inscrição dos jovens nos cursos de graduação, inicia-se a seleção de candidatos por parte da Comissão de Seleção. Segundo Almeida (2019) a comissão de seleção checa se os candidatos atendem aos requisitos e se a documentação está completa e correta. No que se refere

à distribuição das vagas ofertadas, ainda segundo dados do autor (2019), há um sistema de algoritmos do MRE que direciona as vagas.

Para estar apto a participar do programa, como exposto anteriormente, é de responsabilidade do candidato alguns requisitos expostos pelo Decreto nº 7.948. Além do Termo de Responsabilidade Financeira e do Certificado do CELPE-Bras é vedado ao estudante, segundo o Decreto nº 7.948, o “exercício de atividade remunerada que configure vínculo empregatício ou caracterize pagamento de salário ou honorários por serviços prestados”. Muitos desses participantes, então, por falta de apoio financeiro acabam precisando de ajuda, que por sua vez, não vem pela Instituição.

Ainda conforme o Decreto nº 7.948, as IES participantes do PEC-G podem conceder auxílio financeiro desde que seja por prazo limitado durante o curso e que seja para custear moradia, transporte, alimentação ou qualquer caso condicionado ao bom aproveitamento acadêmico. Contudo, o estudante pode participar de estágios curriculares, atividades de pesquisa etc.: “Parágrafo único. É permitida a participação do estudante-convênio em estágio curricular, atividades de pesquisa, extensão e de monitoria, obedecida a legislação referente a estrangeiros residentes temporários (BRASIL, 2013)”.

Como apontado, o participante necessita da sua aprovação no exame CELPE-Bras para realizar a graduação no Brasil. O CELPE-Bras é o único exame de proficiência na língua portuguesa reconhecido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC), sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), tendo como sua primeira aplicação no ano de 1998 (CARVALHO, 2019).

O Inep qualifica o CELPE-Bras como a única Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, outorgado e reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro. A aplicação do exame não ocorre apenas no Brasil, mas é feita em outros países por Postos Aplicadores credenciados pelo Inep, com apoio do CEBRASPE – Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e de Promoção de Eventos. Desse modo, o exame é aceito internacionalmente como comprovante de proficiência linguística sendo composto de parte escrita e parte oral; ambas são elaboradas por especialistas em ensino e/ou avaliação de línguas, selecionados por chamada pública (CARVALHO, 2019).

Diante disto, o candidato que more em algum país residente que não é aplicado o exame CELPE-Bras poderá realizá-lo no Brasil uma única vez, após a conclusão do curso Preparatório de Português para Estrangeiros em IES credenciadas. Cabe ressaltar que para uma Instituição

de Ensino Superior oferecer o curso deve assinar um Termo específico, a ser firmado com o Ministério da Educação, assegurando as condições e o cumprimento do Programa (BRASIL, 2013).

Da mesma forma, o referente Decreto proíbe que o candidato continue vinculado ao programa caso reprove no exame.

O candidato reprovado no Celpe-Bras aplicado no Brasil, na forma do § 2º, não poderá ingressar no PEC-G, vedada a prorrogação de seu registro e do prazo de estada no Brasil, conforme disposto na Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e no Decreto nº 86.715, de 10 de dezembro de 1981. (BRASIL, 2013)

Portanto, apesar de estarem vetados em participar de cursos de graduação através do programa PEC-G, os estudantes podem voltar e realizar sua graduação no Brasil, por meio da realização de vestibulares em faculdades particulares e afins, de forma autônoma.⁷ Como apresentado, o Decreto prorroga sua estadia no Brasil, destarte, os candidatos reprovados voltam ao seu país natal.

Almeida (2019) afirma que para participar do PEC-G as IES devem apresentar uma manifestação formal para o MEC e, em seguida, preencher um Termo de Adesão com as normas do PEC-G. Após receberem o termo assinado, o MEC e o MRE incluem a Instituição na lista de IES participantes. No entanto, a IES participa do PEC-G de forma voluntária disponibilizando vagas e prestando assistência aos estudantes. O mesmo autor confirma (2019):

Pode-se destacar que no total de 2.844 instituições brasileiras, apenas 3,8% (109) participam do PEC-G, sendo que as Universidades Federais têm uma maior porcentagem, das 124 existentes no Brasil, 60 (48%) participam do programa. Em seguida, encontram-se as IES Estaduais, com um total de 16 (12%) instituições participantes, e as municipais com 1,3% (1) das 73 existentes. No total, 24% (77) das Universidades públicas brasileiras participam do PEC-G e entre às instituições privadas, apenas 1,2% (32) estão cadastradas no PEC-G. Ao mesmo tempo, observa-se que entre todas às IES, as públicas são as que tem uma maior porcentagem de participação com 71% das IES cadastradas no PEC-G, entre elas um maior destaque para as IES federais com 55% inscritas no Programa, enquanto às instituições privadas representam 29% das IES cadastradas no PEC-G. (ALMEIDA, 2019, p. 25)

No Brasil, segundo dados do MEC (2017) *apud* Almeida (2019) entre IES cadastradas no PEC-G por região brasileira, o Sudeste possui o maior número de IES, com 235, seguido do Sul com 108 Instituições. O Centro-Oeste fica em quarto lugar com 41 Instituições. Como

⁷ A lei de Imigração do Brasil autoriza ao imigrante sua permanência no Brasil para estudo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.html.

apontado, em Brasília, além da UnB, a UDF também é credenciada no PEC-G, contudo, não há registros sobre os estudantes nesta Instituição.

3.3 PEC-G na Universidade de Brasília

Após a compreensão sobre o funcionamento do programa no Brasil, apresento um pouco mais sobre o processo seletivo e o cadastramento das IES, assim como as implicações do Decreto nº 7.948, nesta seção, foi observado o PEC-G na UnB. A seção também conta com entrevistas realizadas com professoras do curso preparatório para os estudantes pré-PEC-G como forma de complementar a carência de informação sobre o acolhimento destes estudantes.

Almeida (2019) relata que o sistema de gestão acadêmica da UnB tem registros de estudantes do PEC-G desde o primeiro semestre de 1983, até então, 558 estudantes do programa foram registrados na Universidade, vindos de países da África, América Latina e Caribe, além da participação de 7 asiáticos e 2 europeus.

Portanto, o PEC-G está presente na UnB há 38 anos, proporcionando aos graduandos estrangeiros, que deixam em seus países amigos e familiares, um mergulho na vida universitária. Acredito na relevância de pesquisas na área que possam contribuir para uma estadia agradável academicamente e institucional para esses jovens, que, certamente, vêm para conquistar sonhos e não apenas um diploma em suas mãos.

Paralelamente, é importante observar que no período dos anos de 1991 a 2018 o número de jovens latino-americanos e caribenhos no programa vem passando por um declínio. Houve também a diminuição de participantes peruanos (ALMEIDA, 2019).

Entretanto, ainda segundo dados do autor (2019), houve o aumento de estudantes africanos de países não pertencentes ao PALOPs na década de 1990 para a década de 2010, com aumento influenciado por participantes de Benim em 2013, e da República Democrática do Congo em 2008. A participação desses países aumentou 36% na década de 2000 e 60% em 2010. Há também a diminuição da participação de países PALOPs na década de 2010. Os estudantes de Cabo Verde e Guiné-Bissau representavam 63% em 2000 e diminuíram para 38% na década de 2010, como apontado pelo autor (ALMEIDA, 2019). As tabelas mostram dados pertinentes ao programa dentro da UnB:

Tabela 1 – Estudantes PEC-G ingressantes na UnB por Continente

Estudantes PEC-G ingressantes na UnB por Continente de 1991 a 2018				
CONTINENTE	1991 a 1999	2000 a 2009	2010 a 2018	TOTAL
América Latina e Caribe	57	40	26	123
África não PALOP	25	26	47	98
África PALOP	99	144	26	269
África	124	170	73	367

Fonte: adaptado de Almeida (2019).

Tabela 2 – 10 IES com maior quantidade de vagas ofertadas 2014 a 2018

10 IES com maior quantidade de vagas ofertadas 2014 a 2018 – Vagas ofertadas x Candidatos selecionados		
Instituição	Vagas	Selecionados
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina	787	121
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	769	120
UnB – Universidade de Brasília	629	62
UFF – Universidade Federal Fluminense	574	117
UFC – Universidade Federal do Ceará	512	102
UNESP – Universidade Estadual Paulista	505	61
USP – Universidade de São Paulo	470	121
UFU – Universidade Federal de Uberlândia	425	20
UEL – Universidade Estadual de Londrina	365	47
UFPel – Universidade Federal de Pelotas	339	25

Fonte: adaptado de Almeida (2019).

Na tabela 1, podemos observar, como exposto por Almeida (2019) a crescente presença de estudantes do continente africano no programa. Destarte, analiso a importância de um acolhimento e esses jovens, pois a maioria sai de outro continente, para ficarem, por no mínimo, 4 anos no Brasil. Além da distância geográfica, estão também distantes de suas tradições e cotidianos. A tabela 2 apresenta as dez IES pelo Brasil que mais ofertaram vagas para estudantes entre os anos de 2014 a 2018, apesar de se tratar de um pequeno período de tempo, a

Universidade de Brasília segue sendo uma das IES com mais vagas ofertadas, ficando como 3ª colocada. Diante disso, é pertinente observar a estadia desse grupo na UnB.

3.3.1 Pré-PEC-G

Assim como exposto, o candidato que é selecionado pelo programa para realizar sua graduação no Brasil deve apresentar o CELPE-Bras. Se o candidato já possui o certificado, ele deve apresentar a documentação para a universidade e aguardar o início da graduação. Caso o contrário, deve participar, primeiramente, das aulas de português preparatórias para o PEC-G no Brasil, que é realizado em IES cadastradas durante um ano e só depois se inicia a graduação (ALMEIDA, 2019).

O curso preparatório de português, que aqui irei denominar de curso pré-PEC-G, (e os respectivos candidatos de pré-PEC-G) é realizado em universidades credenciadas para aplicarem o exame CELPE-Bras e autorizadas pelo MEC para realizar o curso (MRE, 2021).

Como apresentado, as IES cadastradas no programa PEC-G não são obrigadas a oferecer vagas todos os anos, o mesmo ocorre com o pré-PEC-G; algumas IES, neste caso, fazem restrição quanto ao idioma oficial do país dos candidatos (ALMEIDA, 2019). Ainda segundo o autor (2019), todos os anos faltaram vagas para os candidatos aprovados, com um *déficit* de 154, ou 27% dos candidatos não atendidos no período. Na tabela a seguir há a distribuição de vagas para o curso pré-PEC-G nas IES do ano 2014 a 2018; a porcentagem mostra a quantidade de estudantes selecionados.

Tabela 3 – Cursos de português para estrangeiros PEC-G oferta de vagas por IES

Cursos de português para estrangeiros PEC-G oferta de vagas por IES							
Instituição	2014	2015	2016	2017	2018	%	Língua oficial do país de origem
CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	0	0	0	15	10	4%	Todas
UFAM – Universidade Federal do Amazonas	12	12	24	0	0	8%	Todas
UFBA – Universidade Federal da Bahia	15	46	40	45	70	20%	Todas

Cursos de português para estrangeiros PEC-G oferta de vagas por IES							
Instituição	2014	2015	2016	2017	2018	%	Língua oficial do país de origem
UFPA – Universidade Federal do Pará	15	20	10	20	20	7%	Todas
UFF – Universidade Federal Fluminense	27	20	30	20	20	7%	Francês
UFPB – Universidade Federal da Paraíba	25	20	30	20	20	7%	Francês
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	10	10	10	10	10	3,5%	Todas
UFPR – Universidade Federal do Paraná	18	18	18	18	18	6%	Todas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	22	15	20	20	20	7%	Todas
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	20	15	30	20	15	6%	Francês e Inglês
UFRR – Universidade Federal de Roraima	20	30	40	45	20	11%	Todas
UnB – Universidade de Brasília	15	15	15	25	20	8%	Francês
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	0	0	10	0	0	2%	Todas
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá	0	0	0	20	20	7%	Todas

Fonte: adaptado de Almeida (2019).

Como observado na tabela 3, com dados do ano de 2014 até 2018, a UnB costuma oferecer vagas para o número que varia de entre 15 a 25 participantes por ano para o curso preparatório⁸. Para ofertar o curso preparatório, as IES devem ser credenciadas em universidades para aplicar o exame assim como devem ser autorizadas pelo MEC para fazer o curso. Para isso, as IES deverão fazê-lo mediante assinatura de termo específico, a ser firmado com o Ministério da Educação, assegurando as condições e o cumprimento do Programa (BRASIL, 2013, art. 18).

⁸ Recentemente, poucos dados oficiais foram disponibilizados para consulta aberta, tendo apenas o ano de 2018 como mais atual.

É importante ressaltar, novamente, que se o candidato não possuir aprovação no exame é desclassificado do programa e deve voltar para o seu país, conforme o Decreto PEC-G. Da mesma forma, é vedada nova inscrição no programa. Contudo, segundo Almeida (2019), entre os estudantes dos cursos pré-PEC-G (1993-2015), apenas 13% não foram aprovados no CELPE-Bras. Embora, como aponta Almeida (2019), “a situação destes estudantes, é delicada, pois além das questões recorrentes entre os estudantes PEC-G, eles não estão institucionalizados na maioria das universidades, o que gera vários problemas (p. 38)”.

Almeida (2019) relata que este problema sobre os participantes pré-PEC-G é refletido em várias universidades. As condições de vida e qualidade de inserção acadêmica são frágeis, surge, portanto, a necessidade que as IES minimizem as restrições vivenciadas por esses estudantes.

Além disso, em razão da falta de regulação, instruções claras e apoio por parte do MEC e MRE no que diz respeito ao papel das IES envolvidas, coordenadores locais de préPEC-G se deparam frequentemente com a necessidade de defender direitos mínimos desses estudantes perante suas reitorias e pró-reitorias, o que, mais uma vez, gera a esses representantes locais grande trabalho de articulação interna e desgaste institucional. (ALMEIDA, 2019)

Na Universidade de Brasília, ainda segundo o autor (ALMEIDA, 2019), o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET é responsável pelas aulas e Assessoria de Assuntos Internacionais – INT recebe os estudantes e encaminha a documentação para o registro. Além disso, Almeida (2019) observa que nos anos de 2017 e 2018 o INT realizou uma reunião onde foram fornecidas informações sobre a universidade, serviços prestados, grupo de atendimento psicológico entre outros. Contudo, o autor ressalta que este acolhimento ainda “não é suficiente para preparar esses estudantes para as vivências durante o curso (*op.cit.*, 2019, p. 40)”.

O mesmo autor (2019) ainda ressalta que alguns professores realizam ações individuais com o objetivo de oferecer um acolhimento mais adequado. Entretanto, observa-se, como acontece nas outras universidades, que a situação destes estudantes ainda é colocada a margem na UnB. O autor (2019, p. 41) cita que não há uma regulamentação do MEC ou MRE para esses jovens, assim como não existe dentro da própria UnB documentos que regulamentam a situação desse grupo. Dentro da UnB, esses estudantes não são registrados como regulares na universidade, mas sim como “alunos especiais”, mesmo não se enquadrando nesta categoria, e por isso perdem direitos comuns a estudantes PEC-G registrados na graduação (p. 41).

Almeida descreve algumas iniciativas que não incluem este grupo. Dentre essas ações, estão, como exemplo:

A possibilidade de participar das seleções das bolsas PROMISAES, Mérito, como os estudantes de outras IFES, e a bolsa emergencial da UnB, moradia estudantil, carteira estudantil, retirada de livros na biblioteca, além de vários serviços e atividades destinadas apenas à alunos regulares da graduação. Benefícios como a utilização do transporte público em Brasília, Restaurante Universitário e da sala de informática da biblioteca, ambos gratuitos, foram conquistas creditadas a ações individuais de professoras do curso e servidores da INT (ALMEIDA, 2019, p. 41).

Portanto, de acordo com a pesquisa efetuada por Almeida (2019), observo que as condições de acolhimento deste grupo no contexto da Universidade de Brasília encontram-se carente de uma maior atenção.

3.3.2 Narrativas das professoras sobre o pré-PEC-G

O objetivo da presente seção é apresentar e analisar as narrativas das professoras participantes da pesquisa no que diz respeito ao acolhimento dos estudantes do curso pré-PEC-G na Universidade de Brasília. Essas narrativas são um complemento para a análise desta pesquisa, de forma que possa promover reflexões relacionadas ao acolhimento deste grupo no contexto da Universidade de Brasília.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma virtual pelo aplicativo *Whatsapp* e gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente – a partir das normas de transcrição, baseadas em Marcuschi (2003), que se encontram na parte inicial desta dissertação. Nesta pesquisa irei utilizar pseudônimos⁹ para expor as informações disponibilizadas pelas professoras. Foram entrevistadas três professoras, Bárbara é professora em exercício e a que possui mais experiência, Amanda foi discente durante os anos 2019 a 2021 e Eduarda começou a dar aulas ainda no ano de 2021. As perguntas utilizadas para a entrevista encontram-se no Anexo D desta pesquisa.

A primeira professora, Bárbara¹⁰, é a participante com abrangente experiência na área. É Doutora em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África Lusofônica. É professora de

⁹ Prezando por resguardar as identidades das participantes desta pesquisa, pseudônimos foram atribuídos para cada pessoa.

¹⁰ Entrevista com a professora Bárbara, professora de Português no curso preparatório para estudantes pré-PEC-G. As informações oferecidas pela Bárbara não refletem qualquer posição oficial da Universidade de Brasília.

Português para Estrangeiros há mais de vinte anos. Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

No presente é uma das professoras dos estudantes e antes de responder as perguntas, relatou um pouco da trajetória desses estudantes. Ela começou revelando que até 2019 os grupos vinham ao Brasil estudar o curso preparatório de português em diferentes Universidades, e não necessariamente continuavam nessas mesmas IES que para começarem suas graduações após a aprovação no Celpe-Bras, contudo, a partir de 2020 isso mudou, todos os candidatos e candidatas são enviados desde o primeiro momento para a Instituição que irá realizar seu curso de graduação. A professora salienta que após a chegada dos estudantes, eles são matriculados na UnB como “alunos especiais”, perdendo direitos comuns a estudantes PEC-G matriculados na graduação, como também já indicado por Almeida (2019, p. 41).

Da mesma forma, Bárbara observa que ao passar dos anos a quantidade de estudantes vem diminuindo assim como o aumento das dificuldades. Uma vez que estão matriculados nesta condição, o INT¹¹ e os professores fazem a gestão junto à diretoria do instituto e ao decanato de assuntos comunitários para que eles tenham acesso ao Restaurante Universitário – RU, acesso à moradia – contudo, considera que seja muito difícil garantir tais direitos, assim como o direito ao passe livre. A participante também informa que observa “dificuldades de toda ordem” entre os participantes, se referindo tanto ao aspecto de aprendizagem quanto ao de adaptação na Instituição.

A segunda participante, Amanda, é licenciada em Língua Portuguesa, possui mestrado em Linguística Aplicada e especialidade em Ensino-aprendizagem em Português Língua Estrangeira (PLE). Foi professora no curso do início de 2019 ao início de 2021.

Amanda, assim como Bárbara, ofertou duas matérias aos estudantes, com duração de 4 horas cada aula. Ao falar das dificuldades enfrentadas por esses estudantes, a professora Amanda relata que a dificuldade financeira é a mais presente no curso:

Recorte 1 – Entrevista

Amanda: Pra mim **as maiorias dificuldades acredito que são econômicas** [...]mas é muito curioso porque assim o PEC-G não é um programa assistencialista (+) no entanto ele é um programa que oferece vagas em IES brasileiras para países em (+) desenvolvimento então muitas pessoas vem realmente em condições não muito favoráveis né economicamente (+) então chegam aqui passam por dificuldades

¹¹ Secretaria de Assuntos Internacionais (INT) da Universidade de Brasília. Tem como objetivos promover a interação com organismos e instituições estrangeiras de ensino superior, apoiar e implementar acordos de cooperação técnica, científica e cultural e o intercâmbio de estudantes de graduação e pós-graduação.

passam fome ficam doentes além da questão eh:: emocional né da:: saúde mental ficam longe de suas famílias as vezes é a primeira vez que saem do país quer dizer na maioria dos casos eh:: (+) agora a gente está tendo um público mais feminino mas antes assim excepcionalmente masculino então eu acho que eh:: um grupo que demanda muita atenção porque ele solicita muitas necessidades né sobretudo econômicas [...]isso reverbera em outras questões né que porque aí eles não conseguem estudar né:: / (+) vão ter que pensar em como pagar aluguel como conseguir a comida ou como é que vai ser o dia de amanhã é bem complicado e isso reflete em sala de aula.

[Trecho da entrevista]

Amanda relata que em 2019 quando as aulas eram presenciais estes problemas já existiam, mas observava um maior empenho em sala de aula, os estudantes podiam viver a cultura brasileira, experienciar situações diversas e conhecer pessoas novas. Da mesma forma, acrescenta que é muito diferente com a turma de 2020, devido às condições impostas pelo contexto pandêmico que exige o ensino remoto. Amanda relata que esta turma não estava preparada para demanda de aulas *on-line*:

Recorte 2 – Entrevista

Amanda: “além da questão econômica estamos vivendo uma situação adversa que é a pandemia que:: eles tem que ter aula eles não tem nenhum recurso tecnológico [...]tudo é feito pelo celular [...]então realmente foi muito delicado este ano:: um ano com altos e baixos né (+) **então eles começaram a passar dificuldades econômicas** né:: isso reverbera né:: dentro de sala de aula (+) tivemos muitas pessoas que nem sempre estavam presentes por motivos diversos né ()

[Trecho da entrevista]

De modo igual, a professora Bárbara informou que os estudantes que vieram para realizar o CELPE-Bras no ano de 2020 é o mesmo grupo que está até hoje, mas devido à pandemia a professora não tem contato físico nenhum. Como a professora Amanda, Bárbara acredita que a dificuldade econômica implica nas aulas: “a situação é complexa, pois os estudantes não têm notebook, a maioria usa celular e a internet é de baixa qualidade.”

Por outro lado, a professora Eduarda¹² dá aula aos estudantes do pré-PEC desde março de 2021. Eduarda é professora de português para estrangeiros há 5 anos, sua experiência anterior consistia em aulas particulares, no formato online. Dessa forma, Eduarda constituiu uma narrativa valiosa para não apenas perceber o grupo assim como comparar e complementar com as narrativas das duas outras professoras que conheciam o grupo há mais tempo. Eduarda, assim como Amanda, acredita que a parte financeira é dificuldade presente no grupo e acrescenta que

¹² Entrevista com a professora Eduarda, professora de Português no curso preparatório para estudantes pré-PEC-G. As informações oferecidas pela Eduarda não refletem qualquer posição oficial da Universidade de Brasília.

a falta de imersão na cultura brasileira, ocasionado pelo isolamento social imposto pela Covid-19, seja também uma outra dificuldade percebida:

Recorte 3 – Entrevista

Eduarda: “essa falta de recursos financeiros continua rescindindo na educação e é algo bastante preocupante () essa é uma das principais preocupações () uma outra dificuldade é técnica é que eles não tão em imersão (+) [...]eh:: **estão no Brasil mas não tão em imersão** () e é puro resultado da pandemia () isso dificulta muito uma interação [...] **aprender só tendo aula e aprender imerso na cultura são resultados completamente diferentes** [...] então essa é outra grande dificuldade que a gente tem com esse grupo (+) eles tão tendo poucas aulas com a gente pouco contato com português uma situação totalmente atípica () é claro que não é só com a gente que eles tem acesso ao português né então se sai numa padaria se sai até num atendimento médico mas é muito aquém do que seria se a gente não tivesse passando por esse período de pandemia.
[Trecho da entrevista]

A próxima questão tratou sobre o acolhimento institucional recebido por esses estudantes na UnB. Eduarda acredita que a UnB não acolhe institucionalmente. Acrescenta que, por ter contato com a professora Bárbara, que está mais tempo dando aulas para esses estudantes, considera que institucionalmente “esses meninos ficam muito marginalizados” e que outras matérias dentro da UnB poderiam também ajudá-los na aprendizagem de português. Eduarda, assim como Bárbara, entende que a não institucionalização desse grupo prejudica esse tempo dos estudantes no curso e assim como o não acolhimento por parte da UnB:

Recorte 4 – Entrevista

Eduarda: “**sobre a UnB acolher institucionalmente (+) eu acho que não (+)** tenho conversado com a Barbara com outros professores também mas principalmente com a professora Barbara e ela tem um *background* muito importante com esse pessoal ela sempre fala que institucionalmente esses meninos ficam muito marginalizados porque eles não tem matrícula na UnB então até outras disciplinas que seriam muito salutar pra eles () pra eles desenvolverem mais rápido o português isso também ajudaria muito o fato deles não terem matrícula na UnB isso também atinge outras áreas por exemplo acesso ao RU [...] **se eles são alunos e tem matrícula da UnB isso abre um leque de opções pra eles né:: o que eles acabam não tendo né () a sensação que eu tenho é que nunca foi pensado desenhado muito bem como se fazer esse acolhimento esse atendimento ()** é claro que foi pensado mas a gente já tem aí um *background* um *feedback* muito grande do que não está dando certo do que esses alunos precisam do que falta pra esses meninos (+) **então a gente já tem aí muita experiência que não tem sido aproveitada institucionalmente** né:: pra se redesenhar esse acolhimento desses meninos () a vinculação deles com a UnB.
[Trecho da entrevista]

Amanda acredita que não há uma política interna para acolher os estudantes e que a UnB consegue acolher de forma básica:

Recorte 5 – Entrevista

Amanda: Eu acho que a UnB consegue acolher assim (+) basicamente assim (+) não com muitos recursos assim **tudo que se consegue além** seja a passagem de ônibus seja o acesso ao RU **é feito com muito esforço muitos processos muita insistência então realmente não tem uma política interna pra acolher esses estudantes né::** eles realmente chegam e são comparados AO MEU VER como intercambistas (+) né:: que vem com uma situação ótima que tem onde morar que tá tudo certo e NÃO né:: eles realmente vem com dificuldades econômicas eu não digo 100% dos alunos mas 90 80 com certeza.
[Trecho da entrevista]

Quanto as dificuldades observadas em sala de aula, além das mencionadas, como falta de recursos tecnológicos e o não-comparecimento de alguns estudantes nas aulas em formato *on-line*, Amanda acredita que o maior problema é a escrita e compreensão textual porque é o que mais demanda atenção; para ela, aprender a variante formal da língua é importante no processo de desenvolver a língua. Eduarda, por outro lado, acredita que a dificuldade dos participantes em sala de aula é geral. A professora relata que eles falam pouco português e por isso a maioria não atinge uma fluência oral. Da mesma forma, atribui isso a pouca comunicação em português. Quanto à escrita:

Recorte 6 – Entrevista

Amanda: “**eu nem sei te falar como a escrita tá prejudicada** porque são poucos alunos que fazem o dever e acabam mandando [...] eu consegui um aumentozinho porque dei nota porque cobreí () mas é eu acho que eles escrevem muito pouco apesar de eu dar sempre atividades escritas mas **a adesão é muita pequena e eles falam que é por falta de computador falta de recursos dessa natureza”**
[Trecho da entrevista]

É interessante observar que nas narrativas da professora Amanda, há uma diferença das outras duas participantes. Amanda leciona um grupo através de aulas remotas e a todo tempo menciona a dificuldade presente nessa modalidade. Ao refletir sobre o preparo oferecido a esses estudantes para a realização do exame CELPE-Bras, Amanda relata que por ter entrado agora na UnB não consegue opinar de forma ampla sobre, contudo, acredita que a oportunidade é “muito pouca (o tempo) para o nível de proficiência exigido no exame CELPE-Bras”. Amanda, inclusive, disse que há muitos anos é uma das aplicadoras do exame e acredita que seja uma prova difícil e que os estudantes precisariam de mais tempo e mais disciplinas para ficarem proficientes no português. Quanto ao preparo para a graduação, Amanda acredita que passando no CELPE-Bras o estudante já obtém um nível de proficiência para cursar a graduação.

Cândido (2019), ao analisar experiências de professoras de PLA em curso de pré-PEC-G expõe o relato de uma das professoras “o grande objetivo é a preparação dos estudantes para que obtenham a certificação mínima no exame CELPE-Bras. Por esse motivo, acredita que o

professor deve trabalhar em vista desse propósito (p. 75)”. Eduarda, igualmente, acredita que o curso é preparatório e depende muito do professor em adaptar as aulas para a aprovação dos estudantes:

Recorte 7 – Entrevista

Eduarda: **Eu acho que vai muito do professor adequar** a disciplina dele voltada pra esse exame [...] Eu acho que o professor tem uma liberdade de organizar o seu currículo () isso por um lado eu acho bom né.
[Trecho da entrevista]

Em relação a preparação desses estudantes para a entrada na graduação, Eduarda acredita que deveria haver uma maneira de integrar esses alunos aos seus cursos de graduação:

Recorte 8 – Entrevista

Eduarda: Pra graduação eu acho que não eu acho que deveria haver um letramento acadêmico **eles chegam muito CRUS na universidade então talvez devesse ter como um preparatório de gêneros acadêmicos** sei lá uma forma de integrar esses alunos na academia e não empurrá-los de fato pra graduação então eu acho que pro CELPE-Bras ok mas pra graduação eles vão ainda um pouco meio crus não vão totalmente prontos.
[Trecho da entrevista]

Cândido (2019) observou em suas participantes uma “obrigação do corpo docente em assumir uma preocupação com questões que extrapolam a sala de aula no contexto do PEC-G” que também foram observadas por mim no contexto pré-PEC-G. Apesar de acreditar que as professoras aqui entrevistadas não vejam como uma obrigação, essas ações não deveriam partir das docentes. Sabemos, como professores, que algumas demandas naturalmente são além dos presentes em sala de aula, como a preparação de aulas, realização de atividades extracurriculares, entre outros. Todavia, um professor não deveria que se preocupar com questões financeiras e consequentemente críticas e cruciais na vida do participante, ainda mais tratando-se de um programa em um contexto universitário. Como exemplo, Eduarda relata que já disponibilizou materiais como cadernos, lápis, canetas, já ofereceu caronas, dinheiro, roupas, até doou um ventilador a uma estudante que estava passando mal de muito calor.

Eduarda ainda se “desculpa” ao dizer que não consegue realizar uma ação que acolhesse mais estudantes. Cândido (2019) constata que também se deparou com situações além de sala de aula que a fizeram acreditar em uma obrigatoriedade como professora, contudo, viu que era como uma escolha:

Como professora do grupo, também me deparei com construções, ao longo da escrita desta tese, como “ter que” lidar com situações como levar alunos ao hospital, ajudá-

los a comprar remédios, entre outras, assumindo, também em meu discurso, uma obrigatoriedade de agir de forma diferente no contexto de ensino-aprendizagem de PLA para o pré-PEC-G, o que, na verdade, vejo agora como uma escolha, como algo subjetivo. (CÂNDIDO, 2019, p. 81)

Amanda disse que já deu atendimentos fora de aula, de forma individual, e já ajudou duas estudantes a ter atendimento dentário. A professora Bárbara, por sua vez, é a com mais experiência com o pré-PEC-G e relatou que busca sempre ajudar os estudantes junto a UnB, buscando ajuda para o acesso ao Restaurante Universitário, ao Passe Livre, à moradia, etc.

Observo que a UnB, mesmo que recebendo esses estudantes, realiza um número reduzido de iniciativas que façam com que a estadia desses jovens seja descomplicada. Infelizmente, a Covid-19 parece ter prejudicado este grupo que agora precisam ter suas aulas em formato 100% *on-line*. Como apontado pela participante Eduarda, concordo que a Instituição conta com muita experiência que não está sendo aproveitada. Em suma, os professores acabam sendo mais que docentes, assumindo, ao meu ver, ações que deveriam ser de responsabilidade da instituição que recebe esses estudantes.

Como forma de complementar os relatos obtidos e enriquecer a discussão feita até então, na próxima seção será apresentado um panorama de pesquisas realizadas no Brasil sobre o programa PEC-G, mais especificamente o grupo pré-PEC-G.

3.4 Estudos Realizados no Brasil sobre o PEC-G

Nesta seção, será apresentado o estágio atual das pesquisas realizadas sobre o pré-PEC-G a fim de compreender como este tema está sendo tratado em dissertações e teses do Brasil. A importância desta etapa reside na ampliação do conhecimento das investigações. Da mesma forma, esta seção nos faz refletir sobre a escassez de trabalhos que envolva o pré-PEC-G.

Como citado e como acontece dentro da Universidade de Brasília, esse grupo não é institucionalizado pela Instituição, tampouco vistos como estudantes pelo MRE ou MEC. Dessa maneira, é importante pontuar que um dos meus objetivos específicos foi realizar um minicurso de gêneros textuais para esses estudantes, de forma a contribuir para um acolhimento mais favorável. Para isso, precisamos compreender, em primeiro, as pesquisas existentes na área.

Para o levantamento dos estudos realizados no país, utilizei o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que faz parte do portal periódico da CAPES/MEC, onde possui dissertações e teses defendidas a partir de 1987.

Para uma melhor pesquisa, ainda assim pesquisei sobre teses e dissertações no Repositório Institucional da Universidade de Brasília¹³.

As palavras-chaves utilizadas nesta dissertação e na pesquisa nos portais *on-line* foram: PEC-G, pré-PEC-G, curso preparatório e acolhimento. É importante observar que apesar de encontrar trabalhos que contemplassem essas palavras-chaves ao mesmo tempo, não foram encontradas investigações que contemplassem as mesmas palavras-chaves com o termo “pré-PEC-G”.

O termo de busca “pré-PEC-G” em sua grande parte se destinou a trabalhos com estudantes do PEC-G, ou seja, os que já realizaram o exame CELPE-Bras e se encontram na graduação. Por outro lado, muitas pesquisas referem-se e falam do grupo pré-PEC-G como grupo PEC-G. Dessa forma, posso ter suprimido alguns trabalhos que abordam o pré-PEC-G em múltiplos viés. Contudo, por conta de ausência de tempo e levando em consideração o meu objetivo na busca de compreender o acolhimento das instituições, me contive na busca dos termos.

Igualmente, utilizei o termo “CELPE-Bras” com o intuito de encontrar mais informações sobre o acolhimento e a trajetória de estudantes que ainda estavam estudando para sua aprovação no exame. Apesar de numerosas pesquisas na área do CELPE-Bras, elas geralmente se concentram em análise do material, português como segunda língua, avaliação de proficiência oral e escrita, entre outros.

A partir do número total de obras apresentadas pelo buscador da CAPES, fiz um recorte que considerasse estudos referentes a este objeto de pesquisa. Dessa forma, foram considerados dissertações e teses que respeitavam/possuíam os seguintes temas:

1. PEC-G
2. Pré-PEC-G
3. Acolhimento
4. Curso preparatório

A partir dos termos de pesquisa utilizados, o catálogo de teses e dissertações da CAPES não apresentou nenhum resultado para o termo “pré-PEC-G”. Contudo, no que concerne ao termo “PEC-G” o catálogo apresentou 43 resultados. Logo, a maioria dessas pesquisas remetem

¹³ Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>

ao PEC-G com um viés relacionado a práticas de ensino, formação de professores, relações de cooperação (o projeto PEC-G em si) entre outros. Porém, como exposto, pode ser que outros estudos dentro da Linguística Aplicada ou outras áreas podem se referir ao pré-PEC-G, mas, podem não estar utilizando essa nomenclatura.

Como apontado, me atentei aos termos de pesquisa e não aos resumos dos trabalhos. Quando se busca por PEC-G e acolhimento, aparecem 6 resultados. Quando se consulta por PEC-G e pré-PEC-G, continua com 0 resultados. Quando se pesquisa por PEC-G e curso preparatório, há apenas um trabalho da Universidade Federal do Pará que foca em Práticas de Ensino do Professor de Português.

Como esta pesquisa destaca os estudantes da Universidade de Brasília, fiz a pesquisa pelo mesmo termo no repositório *on-line* da UnB. Quando se consulta o termo “pré-PEC-G” no repositório da UnB há apenas uma dissertação da Carvalho (2019), já citado nesta pesquisa, que se trata da análise do material didático de um curso preparatório para o CELPE-Bras.

Quando investigamos pelo assunto “PEC-G” o repositório da UnB apresenta dois trabalhos, o da Carvalho (2019) e Almeida (2019), ambos trabalhos também já mencionados nesta pesquisa.

Em “acolhimento” o site da UnB apresenta 19 resultados, dispondo de trabalhos de português como língua de acolhimento em contextos de imigrantes e refugiados, e de outras áreas como Saúde. Em “acolhimento institucional” o repositório apresenta trabalhos voltados a área da Educação. Em “curso preparatório” há o resultado do trabalho de Carvalho (2019).

Logo, irei apresentar os trabalhos sobre o PEC-G e que estão presentes na minha dissertação; esses trabalhos foram utilizados para compreender os atores envolvidos e contribuem para os objetivos da minha pesquisa. A dissertação de Joana de Barros Amaral (2013) apesar de realizada na UnB, enfatiza o PEC-G no contexto da cooperação internacional. Por outro lado, a pesquisa de Juliana Harumi Chinattiy Yamanaka (2013), embora trate de experiências de estudantes na PL2, envolve os que estão estudando para realizar o exame CELPE-Bras.

Karina de Souza Carvalho (2019), por sua vez, é a única dissertação disponível no repositório da UnB que possui em suas palavras-chaves ambos os termos: “pré-PEC-G” e “curso preparatório”. Em sua dissertação, Carvalho analisa análises de interação face-a-face no curso preparatório presente na UnB; pretendendo pesquisar a melhora dos materiais didáticos empregados nas aulas preparatórias.

Em seguida, apresento a tese de doutorado de Marcela Dezotti Cândido (2019), que, apesar de não ser realizada no contexto UnB, analisa as narrativas de professoras de um curso de PLA para o pré-PEC-G de uma universidade no sudeste do Brasil. Cândido (2019) não possui nenhuma das palavras-chaves utilizadas por mim em minha busca pela CAPES, achei sua pesquisa através de uma busca simples no site *Google*. Apesar de focar no letramento crítico e formação de professores, as narrativas apresentadas pelos professores em sua pesquisa também foram pertinentes para minha dissertação.

Aqui, quero destacar a importância do trabalho de Almeida (2019), que, por sua vez, foi valioso e recorrente em minha pesquisa. A dissertação realizada na área de Economia de Rogério Alves de Souza Almeida (2019) analisa o PEC-G de forma nacional e local, focalizando na Universidade de Brasília, fornecendo informações que nos ajudam a compreender o processo de acolhimento de estudantes estrangeiros nas IES.

O Quadro 3 a seguir mostra os estudos efetuados sobre este programa de ensino no Brasil.

Quadro 3 – Estudos sobre o PEC-G (pré-PEC-G)

Autor	Área (programa e local)	Título	Objetivo
Joana de Barros Amaral (2013)	Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação – Universidade de Brasília	Atravessando o Atlântico: o Programa Estudante Convênio de Graduação e a cooperação educacional brasileira	Compreender de que maneira o PEC-G dialoga com o novo contexto da cooperação internacional, na qual vem se fortalecendo as relações Sul-Sul.
Juliana Harumi Chinattiy Yamanaka (2013)	Linguística Aplicada – Universidade de Brasília	CONSTRUINDO UM CAMINHO PARA O PEC-G: EXPERIÊNCIAS, CRENÇAS E IDENTIDADES NA APRENDIZAGEM DE PL2	Compreender como as experiências em PL2 podem influenciar o processo de aprendizagem interagindo com as crenças e as identidades em jogo
Karina de Souza Carvalho (2019)	Linguística Aplicada – Universidade de Brasília	ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE UM CURSO PREPARATÓRIO PARA O CELPE-BRAS COM FOCO NA	Compreender a produção de conhecimento científico a partir do recorte do grupo pré-PEC-G da

Autor	Área (programa e local)	Título	Objetivo
		INTERAÇÃO FACE A FACE	Universidade de Brasília.
Marcela Dezotti Cândido (2019)	Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte	“EU VEJO O PEC-G COMO UMA TEIA”: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DO CURSO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA CANDIDATOS AO PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO	Analisar as experiências narradas pelas professoras envolvidas no curso de PLA para o pré-PEC-G de um determinado ano acadêmico selecionado e, compreender as características do convênio e o envolvimento das docentes ao longo do curso e as questões enfrentadas por elas.
Rogério Alves de Souza Almeida (2019)	Economia – Universidade de Brasília	O ALUNO ESTRANGEIRO E A UNIVERSIDADE BRASILEIRA: Evidências de um Ciclo Virtuoso: Uma Análise de Experiências da UnB	Analisar o PEC-G, compreender a historicidade e a organização nacional e local do Programa.

Fonte: elaborado pela autora.

Dessa maneira, encontrei, através da pesquisa pelos termos, poucos trabalhos que contemplassem as necessidades e as trajetórias dos participantes do pré-PEC-G. É importante ressaltar que os programas de pós-graduações existentes nas IES são os responsáveis por disponibilizar ao portal da CAPES as dissertações e teses, portanto, algumas não podem estar presentes no site por responsabilidade das IES. Também é pertinente apontar que possam existir outras pesquisas na área que possam envolver o tema, mas que utilizem palavras-chaves diferentes das utilizadas por mim. De qualquer maneira, o enfoque desta pesquisa é o contexto Universidade de Brasília.

A partir dos dados encontrados, verificou-se a carência de investigações voltadas não apenas em relação ao PEC-G, mas sim com enfoque nos participantes do pré-PEC-G. Essa carência foi apontada, do mesmo modo, nas produções elaboradas dentro da Universidade de Brasília. Há, como apontado, apesar do pequeno número de vagas, IES pelo Brasil que ofertam este curso para o grupo pré-PEC-G. Com efeito, acredito na importância de mais pesquisas na área de forma a contribuir ao acolhimento desses futuros estudantes da graduação no Brasil.

No próximo capítulo, realizei uma revisão de literatura com base em trabalhos elaborados no contexto de estudantes da graduação, os estudantes do PEC-G.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo possui analisa alguns trabalhos elaborados na área do PEC-G com o intuito de compreender o papel dos principais atores e atrizes sociais neste processo de realizar uma graduação em um país diferente.

Para compreender a trajetória acadêmica e institucional do PEC-G no Brasil, irei observar os trabalhos de Gusmão (2005) e (2011), Hirsch (2007), Andrade e Teixeira (2009), Có (2011), Amaral (2013), Amaral e Meneghal (2015), Lima e Feitosa (2017), Almeida (2019), Carvalho (2019) além do Decreto nº 7.948 (BRASIL, 2013) além de referências de outros autores para o enriquecimento da discussão aqui realizada. Este debate é pertinente para entender a repercussão social e cultural do PEC-G e dos jovens inseridos no convênio.

Lima e Feitosa (2017, p. 2) *apud* Desidério *et al.* (2006) relatam que há escassez de estudos que analisam a importância histórica, política e social dos acordos educacionais e culturais estabelecidos entre Brasil e África.

Segundo Almeida (2019, p. 21) desde o início do século XIX, começou-se uma modalidade de cooperação técnica internacional entre “países em desenvolvimento” (América Latina e Caribe, África e Ásia), com desafios semelhantes. Nesse sentido, Amaral (2013) relata que neste contexto o Brasil é o líder dos países da América Latina e em conjunto com China e Índia e com África do Sul, desenvolve diversos programas e participa de Fóruns para se fortalecer economicamente e politicamente (p. 47). Essa cooperação é denominada de Cooperação Sul-Sul, onde se desenvolveram intercâmbios acadêmicos com vários estudantes. Diante disso, como aponta Almeida (2019):

[...] associado à necessidade de criar um processo transparente, para que todos os estudantes se beneficiassem dos processos de cooperação dentro do mesmo critério, surge o programa PEC-G, constituindo este mais uma ferramenta que contribuiria para a Cooperação Sul-Sul.

De acordo com Duarte (2014) *apud* Almeida (2019) com o passar dos anos o PEC-G percebeu uma mudança no perfil dos estudantes participantes, entre 1960 e 1980 o maior número de estudantes eram estudantes latino-americanos, hoje são os estudantes africanos que se encontram em maior quantidade nas IES pelo Brasil (p. 22). Atualmente, a maior parte dos estudantes das Américas estão em programas de pós-graduação, por meio de programas como o PEC-PG (Programas de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação).

Por conseguinte, é oportuno observar a presença dos estudantes advindos do continente africano no programa PEC-G, e tal presença é consequentemente vigente nas universidades brasileiras e na Universidade de Brasília.

Segundo Gusmão (2005) a presença de latino-americanos(as) e africanos(as) nas universidades brasileiras revela um cenário diferenciado de migração temporária para fins de estudo, tendo em vista que muitos desses estudantes são oriundos de países cujo sistema de ensino superior é recente e/ou precário e vêm através de acordos educacionais bilaterais entre o Brasil e aqueles países.

Amaral e Meneghel (2015) observam que os cursos com o maior número de vagas oferecidas pelo PEC-G são Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores (2019), desde os anos 2000 até dados de 2019, houve mais de 9.000 selecionados. A África continua sendo o continente de origem da maior parte dos estudantes, com 76% dos selecionados. Entre as nações africanas participantes, destacam-se Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola (MRE, 2021). Vale ressaltar que esses países possuem o Português como língua oficial, e da mesma forma, é obrigatório que os participantes apresentem sua aprovação no exame CELPE-Bras. Destarte, a Carta de Curitiba¹⁴ possui o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o CELPE-Bras como instrumento de avaliação e de promoção da língua. Nesse sentido, o português brasileiro é posto em uma posição hierárquica em contramão a variedades da Comunidade de Outros Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Lima e Feitosa *apud* Nhaga (2013), ao observarem o contexto de estudantes africanos participantes do Programa, afirmam que um estudante ao chegar ao Brasil é acolhido dentro da universidade pela comunidade de estudantes africanos (as) que nela se encontra; neste caso são os veteranos (as) que auxiliam os(as) novatos(as) na adaptação, inclusive na resolução de problemas enfrentados no ato de chegada à universidade, como entrega de documentos e cadastro na biblioteca. Para as autoras (2013), essa primeira experiência acadêmica é crucial, pois a partir dela alguns estudantes podem permanecer ou desistir do curso antes mesmo de iniciá-lo.

¹⁴ Carta de Curitiba, 2018 – escrita no IV Sincelpe (Revista Em Aberto do INEP, sobre avaliação em língua portuguesa) v. 32, publicada em 2019. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4201>.

Este primeiro contato que esses jovens desfrutam no início é primordial para sua estadia durante o curso. Como apontado, há estudantes que já foram aprovados no CELPE-Bras e vão direto para a graduação e alguns começam no Curso Preparatório de Português pré-PEC-G. No último caso, cada Universidade oferece o seu próprio preparatório. Considero reduzida a quantidade de trabalhos sobre a estadia dos jovens do PEC-G, igualmente, a quantidade é abaixo quando falamos dos estudantes que estão no Brasil se preparando para realizar o exame.

Ocasionalmente, precisamos observar o acordo educacional como um encontro de culturas que envolve grupos, questões e realidades distintas. Na universidade, estes jovens terão (ou não) oportunidades de estabelecer novas relações em um contexto acadêmico e totalmente novo. Segundo Bhabha (1998), ao observar o contexto da globalização na condição pós-moderna nos mostra que nas novas relações serão construídas identidades em um espaço que, por sua vez, será difuso, assim como haverá novas fronteiras epistemológicas. Nesse espaço, haveremos vozes e “histórias dissonantes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, portadores de sexualidades policiadas (...)”.

Além disso, esses estudantes irão encarar novos desafios como a dificuldade de comunicação devido aos sotaques e dialetos dos seus respectivos países; tal situação pode gerar uma rede limitada de relacionamento e diálogo entre aqueles estrangeiros (as) e brasileiros (as), como apontado por Lima e Feitosa (2017).

Andrade e Teixeira (2009) ao avaliarem a adaptação e satisfação de 29 estudantes da graduação do PEC-G da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), relataram que mesmo que muitos desses estudantes concluam a graduação com poucas dificuldades, há os que apresentam dificuldades. Através de pesquisas, estudiosos examinaram que há uma série de fatores que estão relacionados ao processo de adaptação e aos resultados que esses alunos obtiveram nesta nova realidade. Dentre os fatores, há:

- (a) às próprias características da transição, como o suporte recebido anterior e posteriormente à transição e o tempo de inserção na nova cultura;
- (b) às características do novo ambiente, envolvendo a percepção de aceitação na nova cultura, o grau de diferença entre a cultura de origem do estudante e a cultura em que ele está inserido, o suporte social disponível e a influência dos pares;
- (c) aos aspectos demográficos e sociais, como idade, gênero, recursos financeiros, escolaridade e vivências interculturais anteriores; e
- (d) aos fatores de personalidade e comportamentos pessoais, como estratégias de enfrentamento, disposição a enfrentar riscos, abertura à exploração e à busca de rede de apoio, expectativas do aluno, envolvimento acadêmico, habilidade com o idioma, aquisição de comportamentos sociais e senso de identidade étnica. (2009, p. 34, *apud* CONSTANTINE *et al.*, 2005; DURU *et al.* 2007; GUNTER; GUNTER, 1986; LEE, 2005; MACEDO, 2005; MISRA e cols., 2003; NILSSON; ANDERSON, 2004;

RUIZ, 2003; SARRIERA, 2000; SUBUHANA, 2007; WANG; MALLINCKRODT, 2006)

Pode-se observar que a transição é complexa para os atores envolvidos e requer atenção: a nova cultura, o ambiente, as vivências sociais, idade, gênero, personalidade e afins serão determinantes para os próximos, mínimos, quatro anos dos estudantes estrangeiros do PEC-G.

Em seguida, as autoras (2009) demarcam que há “poucas pesquisas nacionais têm sido feitas para avaliar as vivências universitárias e sociais da população que vem ao Brasil pelo PEC-G”. Encontrando obstáculos como pesquisadores na disponibilidade de materiais para melhor compreender estes estudantes, não podemos esquecer que há jovens inseridos em uma nova cultura, que precisam, de apoio e assistência nessa nova fase. Contudo, ainda de acordo com as autoras (2009, p. 40):

É importante lembrar também que a total integração do aluno estrangeiro à nova cultura não é, de fato, esperada, e talvez não seja mesmo desejada, na medida em que o estudante só terá que permanecer aqui pelo período de sua graduação e depois retornará ao país de origem.

Os participantes da pesquisa de Andrade e Teixeira (2009) mencionam que há necessidade de serviços de apoio, contudo, há outros estudos que mostram que esses estudantes internacionais mostram resistência para procurar esses mesmos serviços. Para as autoras (2009), há a necessidade de se criar dentro da universidade uma cultura que faça com que essa busca seja por conta de um comportamento valorizado e não que seja por conta de incômodos ou sinal de fracassos pessoais.

Ademais, as mesmas autoras (2009) avaliam que no início do curso os estrangeiros se mostram mais interessados em obter ajuda, mas que ao decorrer do curso esse desejo vai diminuindo. Observei, portanto, que os estudantes possuem interesse em compreender como se funciona uma universidade através de uma assistência, contudo, ao decorrer dos anos acadêmicos, esse interesse se minimiza ou até some; é notável que ao entrar em uma realidade distinta e ao realizar demais atividades sem ou com pouca ajuda institucional, tal vivência se torna trivial e a espera desse apoio não é considerado durante o seu trajeto acadêmico.

Os jovens que vêm para o Brasil realizar o Curso Preparatório de Português para realizarem o CELPE-Bras, podem se encontrar na mesma situação. Na Universidade de Brasília esses estrangeiros possuem 8 meses para estudarem português e passarem no exame, durante a estadia na UnB realizam quatro matérias durante a semana, com duração de 4 horas cada. As matérias possuem o intuito de complementar o estudo para a aprovação no exame. Caso não

sejam aprovados no exame, os participantes devem voltar ao seu país de origem e perdem a oportunidade de estudarem no Brasil pelo Convênio PEC-G.

Nesse sentido, é pertinente, como mencionado, levar em consideração que o continente africano é o que mais possui presença no acordo PEC-G. Amaral (p. 36, 2013) observa que a cultura permeará os discursos já que as relações políticas, sociais e econômicas são construídas a partir deste acordo. Ademais, a autora conclui que a relação com outras culturas nos irá trazer um reencontro que irá superar as relações locais, incorporando padrões e influências que levam a desmistificação das culturas puras.

É necessário, logo, compreender as novas vivências (acadêmicas ou não) que a experiência em estudar em outro país irá lhes proporcionar. Grada Kilomba (2019) ao realizar o exercício de questionar e compreender como conhecimento, erudição e ciência estão ligados ao poder e a à autoridade racial, nos mostra que o centro acadêmico não é um local neutro, mas sim “um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras.” Logo, a autora (2019) relata que devido ao racismo, pessoas negras irão experienciar uma realidade diferente das brancas, e, portanto, devemos questionar, interpretar e avaliar essa realidade de forma diferente.

Hirsch (2007) relata que em sua pesquisa todos os estudantes (africanos) entrevistados foram praticamente unânimes em denunciar preconceito no Brasil. Ao ouvi-los, observou que os estudantes que se autodeclaram “negros”, se posicionam de forma enfática contra o racismo, e também são vítimas dele. Muitos desses episódios são praticados dentro do ambiente acadêmico, por colegas de turmas.

Có (2011) também relata episódios de racismo vivido por estudantes do PEC-G dentro do ambiente das universidades. Em um dos relatos, fala de um professor de Matemática da Universidade Federal do Maranhão que manda um estudante nigeriano voltar à África por ter tirado nota baixa em sua disciplina (p. 75). O autor (2011) acredita que os professores possuem um papel muito importante na batalha contra esse racismo dentro da universidade.

Gusmão (2011) em sua pesquisa com estudantes africanos de Campinas, Belo Horizonte e Fortaleza aponta que os estudantes apontam para situações complexas de racismo, onde não há apenas o preconceito entre branco e negro, mas também entre negros brasileiro e negros africanos:

Alguns estudantes falam que mesmo no próprio grupo há amigos africanos que fazem brincadeiras dizendo que: “Os africanos são a elite da raça negra, pois são negros

puros (da África)”, nesse sentido, esses estudantes também criam formas de distinção em relação ao negro brasileiro. O fato é que todos esses estudantes de diferentes origens e condição socioeconômica, em algum momento, sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito, após chegar ao Brasil. (GUSMÃO, 2011, p. 201)

Em suma, os cenários que temos que avaliar na chegada e na permanência desses estudantes no Brasil, durante seus cursos preparatórios de português ou seus respectivos cursos de graduação, são essenciais para compreender a realidade acadêmica que esses estudantes passam ao longo da sua estadia nas universidades.

Como apontado pelos autores estudados neste capítulo, há a necessidade de mais pesquisas e conseqüentemente pesquisas recentes nesta área. Dessa forma, ao observar padrões vividos pelos estudantes estrangeiros se poderia elaborar ações que podem vir a facilitar a inserção desses jovens nas universidades. Logo, o próximo capítulo irá conter a metodologia utilizada nesta pesquisa e em seguida apresentar uma ação realizada por mim no ano de 2019 dentro da Universidade de Brasília, que possuiu o intuito de contribuir para a formação acadêmica dos futuros estudantes da graduação da Universidade de Brasília.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento a descrição metodológica desta pesquisa, assim como a sua abordagem, contexto, participantes, pesquisadora e instrumentos utilizados para a coleta de informações.

Em vista disso, foi necessária uma revisão de literatura para a realização dessa dissertação. Segundo Marconi e Lakatos, esta revisão é necessária para contribuir a pesquisa que está sendo realizada (2003):

A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação, em dada comunidade, de resultados obtidos em outra sociedade quanto a enumeração das discrepâncias são de grande importância.

Segundo Prodanov e Freitas (2003), ao realizarmos uma revisão bibliográfica de uma pesquisa científica não estamos apenas descrevendo fatos levantados empiricamente, mas estaremos fazendo o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos.

Após considerar os objetivos da pesquisa e buscar confrontá-los, é necessário a análise e interpretação de dados. Para os autores (2013), a análise e a interpretação evoluem a partir das evidências que foram observadas, de acordo com a metodologia, assim como através do referencial teórico e o posicionamento do pesquisador. Para isso, dentre as possibilidades de analisar uma pesquisa, o pesquisador necessitará de um procedimento de análise. Nesse sentido, esta dissertação irá se nortear através da pesquisa qualitativa. Segundo Prodanov e Freitas o pesquisador irá buscar possíveis explicações para indicar configurações de causa e efeito (2013):

Nas análises qualitativas, o pesquisador faz uma abstração, além dos dados obtidos, buscando possíveis explicações (implícitas nos discursos ou documentos), para estabelecer configurações e fluxos de causa e efeito. Isso irá exigir constante retomada às anotações de campo, ao campo, à literatura e até mesmo à coleta de dados adicionais. Na análise, o pesquisador entra em detalhes mais aprofundados sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas.

Paralelamente, não importando a técnica escolhida pelo pesquisador para coleta de dados, o objetivo desta etapa é responder, da melhor forma possível, ao problema de investigação elaborado assim como às hipóteses.

Para Chizzotti (2003):

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Para o autor (2003) a pesquisa qualitativa cria um campo de amplos debates, pois nela há a presença de novos temas e problemas de classe, gênero, etnia, raça e culturas. Concomitantemente, Fine *et al.* (*apud* CHIZZOTTI, 2003, p. 230) acreditam que as pesquisas inclinam para reconhecer uma pluralidade cultural, dessa forma, abandonando a autoridade única do pesquisador para reconhecer a polivocalidade dos participantes. Chizzotti (2003) acrescenta que as questões abertas pelos pesquisadores qualitativos fertilizam a discussão das pesquisas em ciências humanas e sociais. Consequentemente, as questões da pesquisa qualitativa tornam-se um horizonte variado de interrogações (CHIZZOTTI, p. 231).

Segundo Gerhardt e Silveira (2003), em *Métodos de Pesquisa*, a pesquisa qualitativa não está preocupada com representatividade numérica e sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou/e organização entre outros. Logo, os pesquisadores desta área não irão defender um modelo único de pesquisa para todas as ciências, recusando, assim, o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social. “Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG 1997, p. 34 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, p. 31, 2003).

Os autores (2003) acreditam que a pesquisa qualitativa, portanto irá se preocupar com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

De outro lado, há pesquisadores que, ao analisarem os autores envolvidos em determinadas áreas das ciências, acreditam na importância da colaboração em uma pesquisa. Leffa (2001) ao analisar como se orienta a Linguística Aplicada acredita na importância desta pesquisa colaborativa:

O conhecimento é construído não pela extração de dados a partir de informantes previamente selecionados, mas pela convivência com esses informantes – que ajudam a construir o conhecimento, do qual muitas vezes serão os primeiros a se beneficiarem. Elimina-se a distinção entre pesquisador e pesquisado. Todos participam das diferentes fases do processo de investigação, alçando-se a uma categoria superior a de meros informantes. A Linguística Aplicada não trabalha com informantes: requer no

mínimo participantes; em geral trabalha com colaboradores, sejam eles pesquisadores, professores ou alunos. A maneira participativa e colaborativa de pesquisar é provavelmente a única maneira de se produzir novos saberes – hoje e no futuro.

Leffa (2001) expõe que todo conhecimento é compartilhado e distribuído entre as pessoas, tocando a cada um uma parte do todo. Desta maneira, considero que uma perspectiva qualitativa será a melhor abordagem metodológica para a interpretação dos fenômenos investigados nesta pesquisa.

5.1 A pesquisa Ação

Nesta seção, irei, portanto, justificar o uso da metodologia escolhida para esta ação. Em primeiro, para Thiollent (1996), a pesquisa-ação se insere na abordagem qualitativa por possuir características como compreensão da situação, seleção de problemas, busca de soluções internas e aprendizagem dos participantes. O autor (1996), ao definir a pesquisa-ação, expõe:

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, p. 14)

Da mesma forma, o autor (1996) expõe que o pesquisador e os sujeitos envolvidos na pesquisa estejam em uma situação que seja de tipo participativa. Entre os principais aspectos presentes na pesquisa-ação, o autor remarca (THIOLLENT, p. 16) que durante o processo da pesquisa há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade presente entre os atores da situação assim como a pesquisa pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência de todos envolvidos. Algumas correntes teóricas tendem a associar a pesquisa-ação à pesquisa participante, Thiollent (1996) acredita que tudo que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação:

[...] No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação. Isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado. (THIOLLENT, p. 15)

Fonseca (2002), por sua vez, acredita que:

O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador. (FONSECA, p. 35)

Segundo El Andaloussi (2004), a pesquisa-ação passa por etapas nas quais há a necessidade de diagnosticar a situação, iniciar uma ação, acompanhá-la, observá-la, dar-lhe sentido, avaliá-la e incitá-la a desencadear novas ações. Esse processo, logo, irá se repetir até a decisão final, ou seja, da resolução do problema concebido.

Da mesma forma, Dionne (2007 *apud* Neto e Teixeira, 2007) relata que há quatro fases principais para os processos envolvidos em uma pesquisa ação, e são elas: “i) identificação das situações iniciais; ii) projeção da pesquisa e da ação; iii) realização das atividades previstas; iv) avaliação dos resultados obtidos”. Para El Andaloussi (2004), portanto, a trajetória do processo da pesquisa deve ser flexível para o pesquisador e atores envolvidos.

Desta forma, Neto e Teixeira (2007) acreditam, assim como Thiollent (1996) em um trabalho coletivo: “Na pesquisa-ação não se trabalha sobre os outros, mas sim, com os outros; além de realizar a investigação de seu interesse, por vezes, centrada no monitoramento do processo, o pesquisador deve se concentrar nos interesses do grupo/ coletividade”.

Ademais, Neto e Teixeira (2007) consideram que o problema a ser estudado está presente na comunidade, local de trabalho, instituição, etc. Conseqüentemente, este problema irá envolver pessoas tais como professores, estudantes, funcionários etc., podendo focalizar grupos específicos dentro do contexto estudado. Uma entre outras características pertinentes aos autores (2007) é que “o planejamento de trabalho é flexível e ajustável ao longo do tempo (NETO; TEIXEIRA, p. 1.068.)”

Entendo que seja oportuno, portanto, justificar as razões que me levaram a optar pelas visões de Thiollent (1996), El Andaloussi (2004) e Neto e Teixeira (2007). Esses autores veem a pesquisa-ação como um trabalho em que tanto os participantes como o pesquisador estejam envolvido na pesquisa de modo colaborativo. Ademais, os autores, apesar de suas divergências teóricas, acreditam na flexibilidade do planejamento de trabalho.

Em suma, esta pesquisa-ação ocorreu durante dois dias no ano de 2019, no mês de setembro. Inicialmente, achamos que os minicursos de gêneros textuais possuiriam outros

momentos presenciais, contudo, por conta da pandemia do Covid-19, trabalhar com os minicursos de forma presencial dentro da Universidade tornou-se inviável para o cumprimento das medidas de isolamento social. Contudo, como irei expor no capítulo da análise de dados, o formato *on-line* não pareceu adequado.

Por conseguinte, os dados analisados nesta pesquisa referem-se somente as produções de alguns dos estudantes que vieram fazer o curso preparatório para o exame CELPE-Bras na UnB durante o segundo semestre de 2019.

Na próxima seção, pretendo contextualizar a pesquisa.

5.2 O contexto da Pesquisa

A pesquisa em questão foi desenvolvida para o grupo pré-PEC-G da Universidade de Brasília, ou seja, os jovens que ainda não estão localizados institucionalmente, precisando, portanto, da aprovação no exame CELPE-Bras. Esses jovens possuem aulas semanais, três vezes pela semana com duração de 5 horas. As aulas possuem o intuito de prepará-los para a realização do exame em proficiência da língua portuguesa.

5.3 O Trabalho de Divulgação

Em vista disso, para alcançar o grupo de jovens do programa PEC-G foi ofertado um minicurso de gêneros textuais para os estudantes da Universidade de Brasília.

Em setembro de 2019 a Associação de Africanos da Universidade de Brasília me convidou para que eu realizasse um minicurso de gêneros textuais para os estudantes da graduação na Semana Universitária da UnB. A Associação é formada por jovens do continente africano estudantes do PEC-G da UnB. É importante observar que no início do ano de 2019 comecei a frequentar algumas das reuniões da Associação como forma de melhor compreender a estadia de estudantes do programa. No segundo semestre de 2019, a Associação me procurou para que eu pudesse ofertar um minicurso de gênero textual na semana universitária voltada para eles.

Dessa forma, ao final do meu primeiro ano no mestrado, comecei a elaborar um minicurso direcionado ao letramento acadêmico que pudesse expandir o conhecimento desses

estudantes. O presidente da Associação divulgou nas redes sociais os *flyers*¹⁵ do evento. As informações do minicurso foram publicadas no site *Facebook*, por *e-mail* dos estudantes e grupos de *WhatsApp*. Foram ofertados três minicursos: resenha textual, fichamento acadêmico e produção de pré-projeto; no dia do minicurso de resenha, houve a presença de quatro participantes de cursos da graduação da UnB. No minicurso de fichamento, três participantes. No último, produção de pré-projeto, cinco participantes.

Após o convite feito pela Associação para a execução do minicurso, e com os *feedbacks* que eu possuía, elaborei um novo minicurso para o mês de novembro de 2019. Neste minicurso, diferentemente do último, houve pedido de autorização como projeto de extensão para o colegiado e demais responsáveis da UnB.

Com o intuito de institucionalizar o minicurso, houve um pedido formal de autorização para que o minicurso fosse visto como um projeto de extensão, pois não foi ofertado pela Associação e sim por mim como parte da pesquisa-ação da minha dissertação. Contudo, o pedido foi negado, pois, segundo o parecer da coordenação como exposto no ANEXO I: “A ação apresentada tem como público-alvo apenas membros internos à UnB, desviando-se, pois, da natureza e dos objetivos”.

Desse modo, ofertei o minicurso, porém sem caráter de atividade de extensão para os estudantes do programa, o que possibilitaria além da formalidade perante a Instituição, certificados emitidos pela UnB. Portanto, diante dessas novas condições, realizei o minicurso abrindo vagas também para o grupo do pré-PEC-G.

Como exposto, os estudantes do pré-PEC-G são considerados “alunos especiais” dentro da Instituição, portanto, oportunidades de acolhimento como essas seriam cruciais para o progresso interdisciplinar do programa dentro da Universidade de Brasília. Sendo assim, é importante enfatizar que a análise de dados foi realizada com o material obtido na segunda edição do minicurso, que contou com o grupo do pré-PEC-G. Desse modo, todos os jovens assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, com cópias para os participantes e para a pesquisadora.

¹⁵ Disponível no ANEXO B e ANEXO C.

5.4 Os Participantes

Conforme a seção anterior, no primeiro minicurso, ofertado para os estudantes PEC-G houve a participação de, no mínimo, três participantes por dia. Ainda em relação ao curso ofertado por intermédio da Associação de Africanos, no dia do minicurso de resenha, houve a presença de quatro participantes de cursos da graduação da UnB. No minicurso de fichamento, três participantes. No último, produção de pré-projeto, cinco participantes.

Na segunda edição do minicurso, observei que haveria a possibilidade de incluir dois assuntos em um só um dia, visto que a maioria dos jovens do pré-PEC-G possuíam apenas as sextas-feiras sem aulas. Da mesma forma, também deixei inscrições abertas para os estudantes da graduação.

Com 19 inscritos no formulário, o minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto foi feito no dia 8 de novembro de 2019 e contou com dez participantes que estavam estudando para o exame CELPE-Bras. No dia 22 de novembro houve o minicurso de elaboração de resenha e teve a participação de seis participantes, todos do grupo pré-PEC-G.

O grupo pré-PEC-G que estava na Universidade de Brasília em 2019 continha 18 participantes, desses 18, 11 vieram do Benim, 1 da República do Congo, 3 da República Democrática do Congo, 2 do Gabão e 1 da Costa do Marfim; ademais, todos falavam o francês como idioma oficial, como observado na tabela a seguir.

Tabela 4 — Quantidade de estudantes pré-PEC-G na Universidade de Brasília em 2019 por país e idioma oficial

GRUPO PRÉ-PEC-G Universidade de Brasília – País de Origem (2019)		
País de Origem	Idioma Oficial	Quantidade de participantes
Benim	Francês	11
República do Congo	Francês	1
República Democrática do Congo	Francês	3
Gabão	Francês	2
Costa do Marfim	Francês	1
Total de participantes: 18		

Fonte: INT/UnB. Elaborada pela autora.

5.5 A Pesquisadora

Sou formada em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA) e Licenciada em Língua Inglesa e Respectiva Literatura, ambas graduações pela Universidade de Brasília. Durante minha graduação em LEA fui *trainee*, em seguida diretora de Relações Institucionais até ser eleita Presidente da Empresa Júnior de Letras da Universidade de Brasília – QUIMERA¹⁶, totalizando 2 anos na empresa júnior (EJ). A EJ possui em sua carta de serviços, revisão textual de monografia, teses, dissertações, formatação de texto de acordo com a ABNT, tradução, recepção multilíngue, dentre outros. Durante minha experiência pude me familiarizar com diferentes assuntos no que diz respeito à revisão e elaboração de textos de gêneros diversos, em especial os gêneros mais utilizados pelos acadêmicos. Posteriormente, desde de 2019, dedico-me ao ensino de português para imigrantes e refugiados – ProAcolher¹⁷, onde tive a oportunidade de trabalhar, voluntariamente, lecionando aulas de português para o ProAcolher III de forma presencial e atualmente, virtual. Portanto, também possuo experiência com o ensino de português para estrangeiros assim como o PLAc (Português como Língua de Acolhimento) que se tornou valioso para o planejamento dos minicursos. Da mesma forma, desde 2019 sou professora de Língua Inglesa em uma escola da rede privada no Distrito Federal.

¹⁶ Endereço virtual da Empresa Júnior, disponível em: <https://www.instagram.com/quimeraej/>

¹⁷ Grupo sem fins lucrativos, vinculado à Universidade de Brasília (UnB), que oferece aulas de português a imigrantes e refugiados. <https://proacolherunb.wixsite.com/proacolher>

6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Segundo Fonseca (2002), um pesquisador deve recorrer a instrumentos de pesquisa para obter informações da realidade, levando em consideração o que se pretende verificar e coletar. Portanto, para melhor contribuir para a formação de futuros estudantes da graduação da Universidade de Brasília, escolhi além da entrevista semiestruturada, trabalhar com um minicurso de gêneros textuais. Para obter dados que me possibilitassem refletir acerca do aprendizado dos participantes da pesquisa, os jovens elaboraram textos acadêmicos.

Considero que a preparação acadêmica é pertinente para nossa realização não apenas profissional como pessoal. Ao estarmos preparados, academicamente, para os desafios propostos pela Universidade, estamos, também, preparados para nosso futuro. Logo, um minicurso que pudesse oferecer a esses futuros estudantes como seria a experiência, mesmo que de forma prévia, dentro de uma Universidade é indispensável para alcançar os objetivos dessa pesquisa e para prepara-los para o novo.

6.1 Entrevista

De acordo com Silva e Menezes (2001) entrevista “é a obtenção de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”, para obter essas informações, a entrevista pode ser estruturada ou não estruturada, na primeira há um roteiro já estabelecido, enquanto em uma pesquisa não estruturada não existe uma rigidez de roteiro.

Fonseca (2002) aponta que na entrevista semiestruturada o entrevistador irá dar maior importância à informação, do que à estandardização. No entanto, ao final da conversa terá sido atingido uma série de “objetivos preciosos”. Da mesma forma, será necessário um roteiro que eventualmente poderá prever algumas perguntas, mas que a condução dessa pesquisa, ordem das perguntas e temas não necessitam serem fixados anteriormente.

Como já indicado, a pesquisa-ação contém diferentes métodos em sua realização. Thiollent (1974) considera que os pesquisadores recorrem a técnicas de registro, de processamento e de exposição de resultados. Nesse sentido, em certos casos, questionários e técnicas de entrevista individual são utilizados como meio de informação complementar. É pertinente observar também que “as características de cada método ou de cada técnica podem interferir no tipo de interpretação dos dados que produzem”. Portanto, para esta pesquisa foi

utilizada entrevistas semiestruturadas que buscaram obter as narrativas de três professoras do curso preparatório de português, que por sua vez, são também papéis importantes no programa PEC-G. Infelizmente, por conta do tempo disponível para a pesquisa e a ocorrência da COVID-19, não realizei entrevistas com os estudantes do pré-PEC-G, acredito, contudo, que também seriam ricas para a construção desta pesquisa.

As entrevistas buscaram não apenas compreender o pré-PEC-G no contexto UnB pelo olhar das professoras, como também obter insumos para esta pesquisa que não seriam alcançados somente com referências bibliográficas e observação.

6.2 Minicurso de Gêneros Textuais

Para atender o objetivo de informar a esses participantes elementos acadêmicos que poderiam ser úteis em suas vidas acadêmicas, além do que já estavam estudando para o exame CELPE-Bras, elaborei um minicurso dos seguintes gêneros textuais: resenha, fichamento e pré-projeto. A escolha desses gêneros em específico se deu pela minha vivência acadêmica e de demais colegas da Universidade, que por vezes, tivemos que pesquisar, sozinhos, como se elaborar um trabalho acadêmico como resenha, fichamento, projeto de pesquisa entre outros.

Os conteúdos acadêmicos dos minicursos tiveram sua fundamentação teórica no livro “Redação Científica – Prática de fichamentos, resumos, resenhas”, de João Bosco Medeiros, do ano de 2008. Ao fim de cada dia, os participantes tinham que produzir um texto escrito em formato do gênero textual trabalhado no dia. Da mesma forma, os participantes os escreveram, de forma anônima, seus respectivos *feedbacks* sobre o curso ao fim do dia.

No minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto houve a presença de dez jovens do pré-PEC-G. No minicurso de elaboração de resenha houve a presença de seis participantes. Os minicursos tiveram duração de 4 horas. Visando contribuir, mesmo que de forma indireta, para a integração e formação dos participantes, ofereci um curso de gêneros textuais acadêmicos para, por meio das produções escritas, acessar as ideias e as reflexões dos estudantes ao mesmo tempo que pudesse proporcionar a eles a aprendizagem desejada com o curso.

É importante pontuar que os minicursos possuíam o objetivo de ensinar gêneros textuais ao grupo pré-PEC-G da Universidade de Brasília, logo, a coleta de dados não utilizou de diferentes instrumentos de pesquisa como entrevista e questionário.

Thiollent (1996) entende que a pesquisa-ação possui entre seus objetivos “a coleta de informação original acerca de situações ou de atores em movimento”, assim como “a concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados”. Acredito, portanto, que, ao analisarmos as produções acadêmicas desses participantes e seus *feedbacks* encontramos não apenas coleta de informações originais assim como a concretização de conhecimentos teóricos, que estão sendo conciliados durante a execução do minicurso. Na seguinte seção, iremos compreender a aplicação da observação sistemática nesta pesquisa.

6.3 Observação Sistemática

Marconi e Lakatos (2003, p. 191) acreditam que a observação é um elemento básico de investigação científica, que é um ponto de partida da investigação social e desempenha papel importante nos processos observacionais. Os autores (2003) conceituam a técnica: “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Portanto, do ponto de vista científico, o uso da observação é oportuno para esta pesquisa. Com isso em mente, após observar as circunstâncias, utilizei a modalidade de observação sistemática. A observação sistemática, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é estruturada, planejada e controlada e, por sua vez, usa instrumentos para a coleta de dados e irá se realizar em condições controladas, respondendo propósitos estabelecidos. Contudo, os autores remarcam:

Todavia, as normas não devem ser padronizadas nem rígidas demais, pois tanto as situações quanto os objetos e objetivos da investigação podem ser muito diferentes. Deve ser planejada com cuidado e sistematizada. Na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 193)

Os autores (2003) acrescentam, ainda, que vários instrumentos podem ser usados na observação sistemática. Assim, durante os minicursos pude fazer também minhas observações enquanto ensinava sobre diferentes gêneros textuais.

Por outro lado, Rudio (1985) relata que em qualquer processo de observação sistemática, iremos considerar os elementos (p. 23):

- a) Por que observar?
- b) Para que observar?
- c) Como observar?
- d) O que observar?
- e) Quem observa?

O autor (1985) acredita que através destes itens conseguimos indicar que a observação sistemática deve ser planejada, considerar os dados que queremos registrar e como registrá-los e “tem como objetivo obter informações de realidade empírica”. Apesar de se tratar de um minicurso de gêneros textuais, a produção textual dos participantes também irá implicar, além de conhecimentos teóricos, o conhecimento empírico, trazendo à tona, em suas respectivas produções, experiências vividas, como veremos posteriormente.

Desse modo, para essa atuação junto ao grupo, acredito que o uso da observação sistemática me ajuda a responder propósitos estabelecidos nos objetivos da minha pesquisa. Por conseguinte, irá contribuir para uma análise que propõe observar produções de futuros estudantes da graduação na Universidade de Brasília e contribuir para o acolhimento institucional deste grupo.

7 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo possuiu o intuito de analisar e discutir os dados gerados no minicurso de gêneros textuais ofertado por mim para os estudantes pré-PEC-G. Como apresentado, o minicurso de gêneros textuais incluiu os gêneros de fichamento, pré-projeto de pesquisa e resenha.

7.1 Minicurso de Fichamento e Pré-Projeto de Pesquisa

Rudio (1985) observa que para uma observação sistemática devemos incluir o tempo, duração e instrumentos que serão utilizados. Com base teórica em Medeiros (2013), o minicurso de fichamento e pré-projeto de pesquisa foi ofertado de forma presencial e possuiu 4 horas de duração. Para melhor entendimento do assunto para o público-alvo foi utilizado *slides* elaborados pelo sítio Canvas.¹⁸

A princípio, iremos analisar como se deu a primeira parte do minicurso: fichamento. Em primeiro, foi apresentado e discutido o conceito fichamento; em seguida, apresentado os tipos de fichamento, como mostra a figura 1:

¹⁸ Todos os slides utilizados no minicurso de fichamento e pré-projeto podem ser visualizados nos seguintes links:

https://www.canva.com/design/DADmVtIrsJg/jQNfNoUdIQ4JDUR_c86ggjg/view?utm_content=DADmVtIrsJg&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink.

https://www.canva.com/design/DAENxT_JdbE/zamI-LZp6IV9nKG_GjTD5A/view?utm_content=DAENxT_JdbE&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink.

Figura 1 – Tipos de fichamento – minicurso de fichamento

- TIPOS DE FICHAMENTO**
- **citações diretas (transcrições)**
 - **fichamento bibliográfico**
 - **fichamento de comentário**
 - **resumo (ou de conteúdo)**



Fonte: elaborado pela autora no sítio *Canvas*.

Após a apresentação das possibilidades de fichamento e seus respectivos conceitos, realizei uma prática de distinção entre o que é ou não um fichamento. Após isso, pedi que o grupo realizasse um fichamento de conteúdo, gênero frequentemente utilizado em cursos de ensino superior.

Segundo Medeiros (2013), fichamento de resumo ou conteúdo é a “compreensão do texto e elaboração de um novo texto com suas palavras.” Para a realização de fichamento, distribuí entre os participantes dois textos, os quais eles deviam interpretar, e em seguida, fazer o fichamento.

O texto I era um *post* no site Globo escrito por Andrea Ramal (2017), intitulado de “Ensino superior: entre o abandono e o baixo desempenho poucos se destacam”.¹⁹ O texto falava sobre a dificuldade que o Brasil encontra em garantir que um estudante saia bem formado das faculdades brasileiras assim como o despreparo dos estudantes ao chegar no ensino superior.

O texto II é uma reportagem de autoria de Pedro Rafael Vilela (2018) disponível no site Agência Brasil: “Número de turistas estrangeiros no país bate recorde em 2017 e chega 6,5 milhões”²⁰, a publicação relata o crescente aumento de turistas no Brasil. Nas figuras 2, 3, 4 e

¹⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/ensino-superior-entre-o-abandono-e-o-baixo-desempenho-poucos-se-destacam.html>.

²⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-03/numero-de-turistas-estrangeiros-no-pais-bate-recorde-em-2017-e-chega-65>.

5 irei mostrar a redação de 4 participantes²¹; acredito que esse grupo compreendeu o objetivo da realização de fichamento: dizer com suas próprias palavras o que foi lido. Entretanto, construíram os textos em número reduzido de linhas, apesar de eu ter dito que não haveria número mínimo ou máximo de linhas. A contenção de linhas também foi observada por mim nas demais redações dos outros participantes.

Figura 2 – Fichamento 1 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

FICHAMENTO DE RESUMO

O texto está falando sobre o número de visitantes que veem para o Brasil de avião, ônibus, navios. O ano 2017 foi o ano onde chegaram o maior visitantes que vieram para o Brasil em toda a sua história. Esses turistas vieram dos país vizinhos como a Argentina, o Chile e outros país do mundo. O São Paulo é a cidade brasileira considerado como principal porta de entrada desses turistas mas também o Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. O número foi de 6.588.770 turistas. [Todas essas] a maioria desses visitantes usaram a malha aérea.

Fonte: dados da pesquisa.

²¹ Para a pesquisa em específico a análise de tais textos se mostrou mais relevante para o que estava sendo investigado e as demais produções servirão para trabalhos futuros.

Figura 3 – Fichamento 2 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

Fichamento de resumo.

O Brasil registrou pela primeira vez, o maior número de entrada de turistas estrangeiros ao longo de 2017, o que superou o alto volume registrado em 2014 ano em que foi jogado a copa do mundo de futebol de FIFA. E como São Paulo é a grande e principal porta de entrada das turistas ~~no~~ no país, o avião foi e continua sendo o meio escolhido e o melhor para os estrangeiros. Além disso, a maioria dos visitantes que chegaram no Brasil em 2017, 34,15% entraram pelas rodovias, outros 0,8% vieram usando navios (via marítima) e mais ou menos 1,4% usaram via fluvial e a grande parte 63,5% usaram avião.

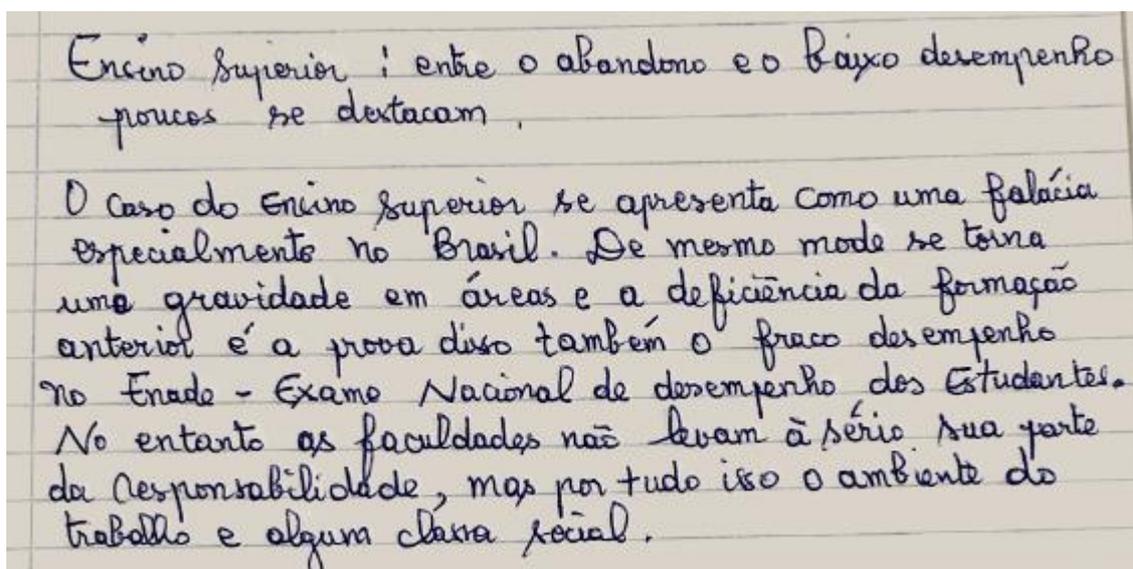
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 4 – Fichamento 3 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

Aqui no Brasil precisamente em São Paulo é a principal porta de entrada dos estrangeiros no país, tem mais avião que transporte mais ou menos de 63,5% dos estrangeiros que chegaram ao Brasil. Além disso, o turismo aumentou durante a penúltima copa do mundo, mas o Rio de Janeiro fica em segundo lugar e o terceiro lugar aparece o Rio Grande do Sul.

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 5 – Fichamento 4 – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa



Ensino Superior: entre o abandono e o baixo desempenho poucos se destacam.

O caso do Ensino Superior se apresenta como uma falácia especialmente no Brasil. De mesmo modo se torna uma gravidade em áreas e a deficiência da formação anterior é a prova disso também o fraco desempenho no Enade - Exame Nacional de desempenho dos Estudantes. No entanto as faculdades não levam a sério sua parte da responsabilidade, mas por tudo isso o ambiente do trabalho e algum clima social.

Fonte: dados da pesquisa.

Como apresentado, os estudantes elaboraram redações reduzidas, que, acredito que sejam parte da familiaridade com o português, uma vez que a língua oficial dos países que esses jovens moravam é o francês. Os textos acima apresentam alguns desvios de acordo com as normas gramaticais da língua escrita. Entre eles, podemos citar questões relacionadas à concordância verbal e nominal, emprego de pontuação e acentuação das palavras.

Além disso, é interessante observar, sob o ponto de vista da produção textual, que os estudantes não apresentam dificuldades relacionadas à coesão e à coerência. Esses dois elementos geram também grandes dificuldades em muitos estudantes brasileiros na hora de escrever. Entretanto, os textos acima se mostram coerentes e coesos, cumprindo, portanto, sua função comunicacional.

Ainda no mesmo dia, ofertei o minicurso de pré-projeto de pesquisa. Este gênero foi apresentado ao grupo através de uma sequência de conceitos que poderiam facilitar o entendimento desses novos estudantes na graduação no Brasil em relação as oportunidades oferecidas academicamente nas IES brasileiras.

Em primeiro, expliquei o conceito de pesquisa e os passos de uma pesquisa. Em seguida, defini o que é um projeto de pesquisa e como esquematizar um projeto. Além disso, apresentei os programas de Iniciação Científica existentes no Brasil e seus respectivos objetivos – Programa de Iniciação Científica (PROIC), PIBID – Programa Institucional de Bolsa de

Iniciação à Docência, o PIBIC – Programa Institucional de Iniciação Científica e o PIBIT – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação.

Como forma de melhor atender as futuras dúvidas e perguntas dos participantes, e, tendo planejado a ação anteriormente, como requer a observação sistemática (RUDIO, 1985, p. 44), levei uma colega de graduação que estava realizando um PIBIC na área de Letras pela Universidade de Brasília, ela pôde, felizmente, responder as perguntas específicas sobre o programa. Uma das perguntas mais frequentes foi como se inscrever no programa, para isso, mostrei a plataforma Lattes do CNPQ *on-line* e salientei a necessidade de realizar seu perfil acadêmico no site para a futura participação desses jovens nos programas de iniciação científica existentes nas IES brasileiras.

Da mesma forma, mostrei como é realizado um plano de trabalho que deve ser enviado ao decanato responsável quando você possui o interesse em realizar um PIBIC ou PIBID, como mostra a figura VII:

Figura 6 – Registro de Plano de Trabalho – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

Fonte: decanato de Pós-Graduação da UnB.²²

Em seguida, a partir da minha experiência no mestrado e também da percepção de que esses gêneros textuais poderiam ser importantes para estudantes recém-chegados, mostrei como

²² Disponível em: http://proic.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=570&catid=151&Itemid=101

é elaborado um pré-projeto de pesquisa para entrar em um Programa de Pós-Graduação, mais especificamente um Mestrado. Enfatizei, contudo, a necessidade de observar o edital oferecido e publicado nos sites referentes aos programas de pós-graduação escolhidos para observar os requisitos para entrar no programa. Brevemente, também, mostrei ao grupo como é um edital e seu formato.

Ao final da explicação os participantes tiveram, por sua vez, que elaborar um plano de um pré-projeto de pesquisa que poderia ter um dos seguintes temas: CELPE-Bras; Universidades; PEC-G ou Bolsas. As produções da figura 7, 8 e 9 foram elaboradas em dois grupos de 3 participantes e um grupo de 4 participantes:

Figura 7 – Pré-projeto de pesquisa – CELPE-Bras – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

O Celpe Bras é um exame que ocorre duas vezes por ano, mais os alunos do Programa PEC-G só têm somente uma única oportunidade. Quer dizer que os Pec-G só fazem este exame uma vez.

De fato, o Celpebras é um exame de proficiência em língua portuguesa. Muitos alunos reprovam e infelizmente não tem uma segunda oportunidade e os que reprovam têm de voltar para seus países respectivo depois de ter gasto muito dinheiro para a viagem.

Seria melhor oferecer uma segunda chance para os alunos que reprovam, porque não é fácil aprender uma língua fora do país e em 8 meses. Então em vez de mandar os reprovados fora do Brasil, seria melhor dar uma segunda chance porque é deste jeito que a taxa de reprovação diminuirá. Ou seja, dar para os candidatos a oportunidade de aprender a língua nos países respectivos e quem for aprovado pode viajar para o Brasil para fazer a graduação.

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 8 – Pré-projeto de pesquisa – CELPE-Bras – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa

A inscrição deve ser mais serica.

Para evitar que os alunos que serão avaliados no celpe bras nos anos próximos enfrentem o mesmo problema do que os veteranos, os dirigentes devem resolver o problema da conexão, dar mais ou menos uma semana para fazer a inscrição.

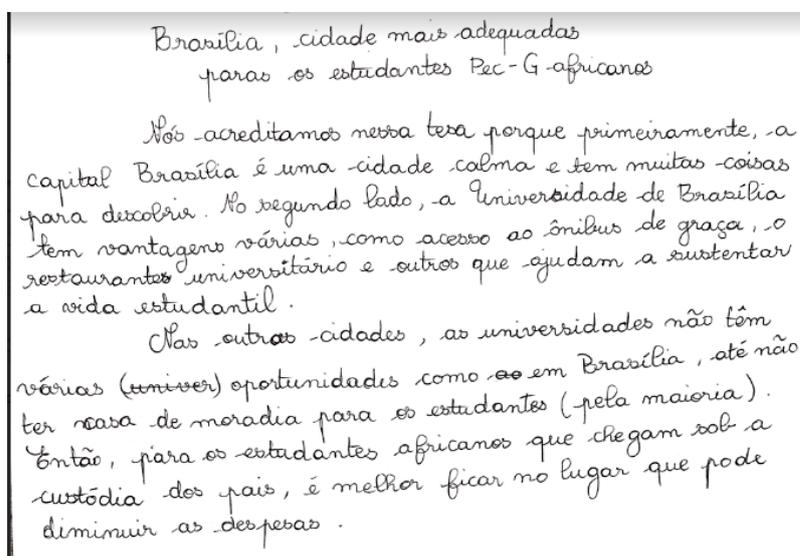
Sabendo que o celpe bras é um exame para os estrangeiros, o governo deve ser um pouco mais indulgente e dar uma sorte de mais para quem não conseguiu o exame e deixar ele entrar na universidade e passar o exame depois, porque os brasileiros também sabem que o português é uma língua bem difícil principalmente para os estrangeiros.

Nos achamos que não tem um tempo específico para aprender uma língua porque se vive e se aprende no dia a dia. No mesmo tempo ~~no~~ ^o celpe bras é um ^{exame} bem interessante e instigativo.

Por fim, esperamos que os governantes brasileiros pagem atenção em valorizar nossas sugestões.

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 9 – Pré-projeto de pesquisa – PEC-G – Minicurso de elaboração de fichamento e pré-projeto de pesquisa



Brasília, cidade mais adequada
para os estudantes Pec-G-africanos

Nós acreditamos nessa tese porque primeiramente, a capital Brasília é uma cidade calma e tem muitas coisas para descobrir. No segundo lado, a Universidade de Brasília tem vantagens várias, como acesso ao ônibus de graça, o restaurantes universitário e outros que ajudam a sustentar a vida estudantil.

Nas outras cidades, as universidades não têm várias (muitas) oportunidades como as em Brasília, até não ter casa de moradia para os estudantes (pela maioria). Então, para os estudantes africanos que chegam sob a custódia dos pais, é melhor ficar no lugar que pode diminuir as despesas.

Fonte: dados da pesquisa.

Como observado, o programa PEC-G é um assunto o qual os estudantes possuem diferentes e pertinentes opiniões. De acordo com o texto da figura 7 os estudantes acreditam que apenas uma chance para aprovação no exame CELPE-Bras não é o suficiente, pois não “é fácil aprender uma língua fora do país e em 8 meses”.

No texto presente na figura 8, os estudantes dão uma outra alternativa ao exame, segundo eles, eles deveriam ingressar na Universidade e apenas após a entrada na faculdade, houvesse a realização do exame CELPE-Bras. Contudo, ambos planos de projetos acreditam na dificuldade em aprender o português no tempo oferecido pelo programa.

Portanto, pode-se observar nas produções de pré-projeto de pesquisa, além de um conhecimento empírico – como o fato de que uma língua “se vive e se aprende no dia a dia (figura 8)” ou preferirem ficar em uma cidade que “pode diminuir as despesas (figura 9)”, um reconhecimento sobre as dificuldades enfrentadas na vida acadêmica. A observação sistemática acredita que um dos objetivos é obter justamente informações de realidade empírica, de forma a verificar hipóteses que foram expostas na pesquisa (RUDIO, 1985, p. 44).

A respeito disso, Andrade e Teixeira (2009) relatam que tantos estudantes brasileiros quanto estrangeiros compartilham algumas dificuldades em relação à experiência universitária. No entanto, o jovem estrangeiro confronta-se com um processo que tem diversas peculiaridades e uma série de transições, começando com a seleção de candidatos e terminando com o retorno ao país de origem (*op.cit.*, 2009, p. 34).

Apesar de passarem apenas o tempo da graduação no Brasil, esses estudantes se depararão, como apontado por Hirsch (2007), com diferenças salariais, de escolaridade, expectativa de vida e de desemprego entre pretos e pardos no país. Logo, os estudantes que vieram estudar no Brasil encontrarão um cenário de desigualdade e ainda tomarão “de empréstimo a classificação atribuída a um grupo estigmatizado na sociedade” (HIRSCH, 2007, p. 148).

Ao escreverem sobre suas experiências como estudantes estrangeiros, os estudantes africanos relataram aspectos positivos e aspectos a serem melhorados no PEC-G. Assim, os textos analisados oscilam entre os gêneros dissertativo-argumentativo e artigo de opinião. Nesse aspecto, acredito que eles demonstram conhecimentos na estrutura de cada gênero, apresentando textos que demonstrem a presença de introdução, desenvolvimento e conclusão, embora apresentem alguns desvios gramaticais.

Ainda sobre os gêneros desenvolvidos, nota-se que os argumentos utilizados para defesa de um ponto de vista são frutos das vivências dos estudantes nas universidades brasileiras. Observei, também, que ao realizarem os textos sobre pré-projeto os jovens elaboraram mais e tiveram diferentes argumentos sobre o tema; tal atitude pode ser relacionada diretamente aos tópicos, que eram de conhecimento desses estudantes, portanto houve uma facilidade em escrever sobre o assunto. Na próxima seção, iremos observar as resenhas realizadas pelos participantes pré-PEC-G.

7.2 Fichamento de Resenha

A segunda edição do minicurso ocorreu no dia 22 de novembro e contou apenas com o gênero textual resenha, contudo, ao final do tema resenha apresentei algumas regras da ABNT²³. Segundo a NBR 6.028 (ABNT, 2003), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) resenha é um “resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento”.

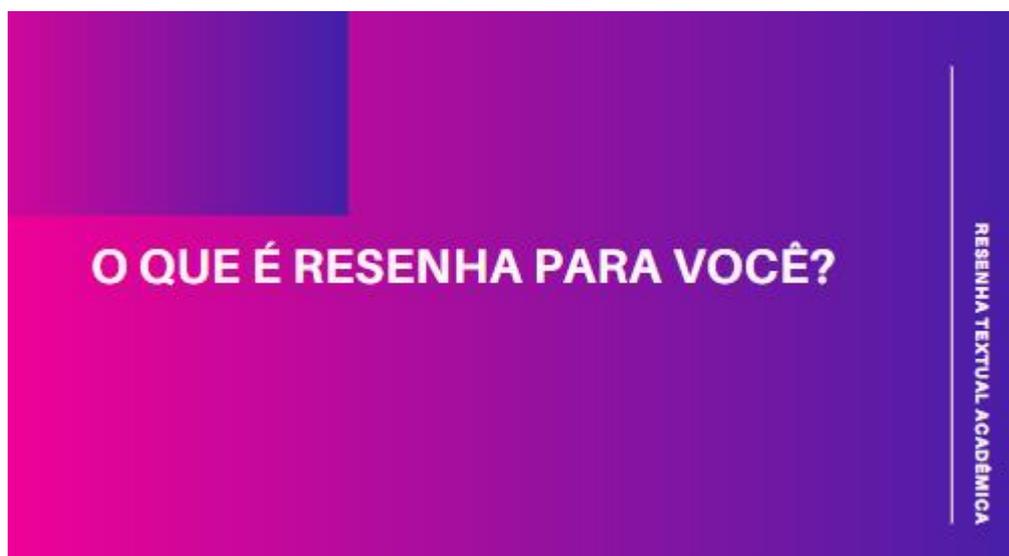
Para Machado *et al.* (2004) resenha é um tipo de texto que além de apresentar informações selecionadas e resumidas, irão também apresentar comentários e avaliações. Medeiros (2019, p. 161) entende o conceito como: “Resenha é um relato minucioso das

²³ Os slides utilizados neste minicurso podem ser acessados pelo link:
https://www.canva.com/design/DADmU9UrE1I/6g_AzKjqgBRftshpZ4Zeg/view?utm_content=DADmU9UrE1I&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink.

propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas [...] Além dos objetivos gerais acrescentem-se os de desenvolvimento da capacidade de síntese, interpretação e crítica”.

Logo, o gênero textual resenha, não só apresenta os elementos de um texto assim como requer que o estudante, ao fazê-lo, interprete as informações e exponha sua opinião. Destarte, o minicurso apresentou os conceitos de resenha para os participantes, e em seguida, questionou-os “o que é resenha para você? ”, como observado na figura XI:

Figura 10 – O que é resenha para você? – Minicurso de resenha textual



Fonte: elaborado pela autora pelo site *Canvas*

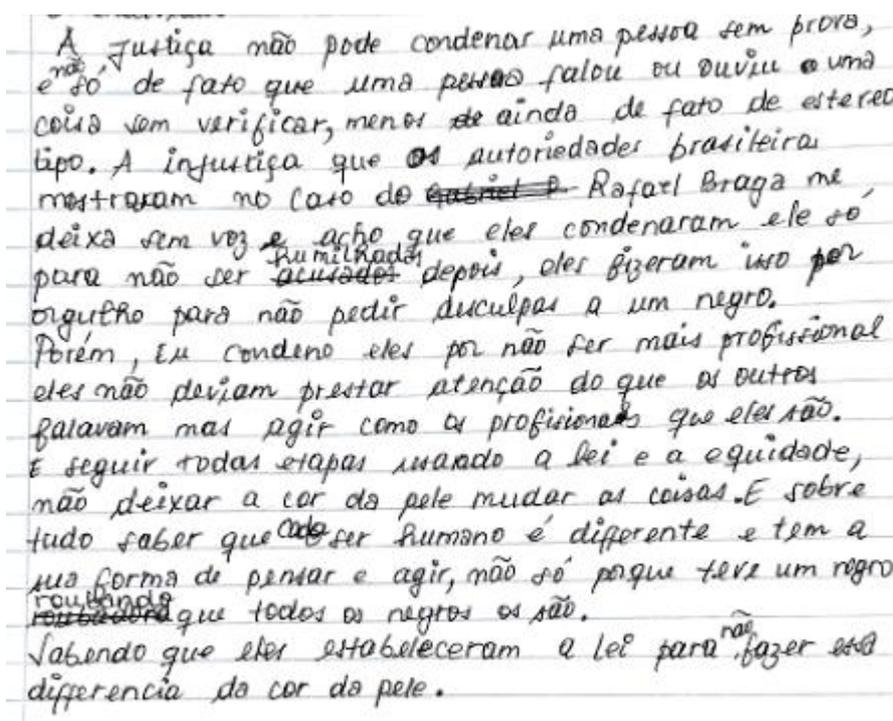
Uma vez feita a pergunta do *slide* presente na figura 10, iniciamos um debate a respeito. Como exposto, na observação sistemática, o pesquisador sabe o que está procurando e o que necessita de importância (MARCONI; LAKATOS, 2003) assim como os objetivos para chegar ao ponto que deseja. Portanto, ao montar perguntas como essas, dei a devida atenção ao conceito de resenha, pois, somente após a compreensão da parte teórica os jovens seriam capazes de realizar uma resenha. Observei, neste momento, também, que os participantes gostavam de emitir opiniões sobre o tema assim como quando durante o restante do curso.

No próximo momento, apresentei o conceito de resenha crítica ou científica, comumente demandada por professores em diversos cursos de graduações. Segundo Medeiros (2009), a resenha crítica ou científica também elementos dissertativos: “além dos elementos descritivos e narrativos, há os dissertativos, a defesa de um ponto de vista, a apresentação de argumentos, provas.”

Após exemplos de resenha e debate sobre o tema, os jovens do pré-PEC-G tiveram que elaborar uma resenha científica para assimilação do conhecimento. Para isso, lemos um texto sobre as manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013, considerado “o marco zero da maior sequência de protestos no país desde o Fora Collor (GRIPP, 2013)²⁴”. O texto emite opiniões do autor do texto, característica importante na produção de uma resenha.

Da mesma forma, apresentei diversas imagens e vídeos sobre as manifestações. Durante este, a ideia principal da elaboração desta foi, após vídeos e notícias das manifestações que ocorreram em junho de 2013 no Brasil, e o julgamento por estereótipos (ilustrado através da história de Rafael Braga) discutir sobre o racismo e suas formas presentes no Brasil. Em seguida, os participantes tinham que escrever uma resenha²⁵ abordando tais assuntos como forma de assimilar o conhecimento. Na figura 11, apresento a primeira de uma dessas produções.

Figura 11 – Resenha 1 – Minicurso de elaboração de resenha



A justiça não pode condenar uma pessoa sem prova, e só de fato que uma pessoa falou ou ouviu uma coisa sem verificar, menos de ainda de fato de estereótipo. A injustiça que as autoridades brasileiras mostraram no caso de ~~Rafael Braga~~ Rafael Braga me deixa sem voz e acho que eles condenaram ele só para não ser ^{humilhados} depois, eles fizeram isso por orgulho para não pedir desculpas a um negro. Porém, eu condeno eles por não ser mais profissional eles não deviam prestar atenção do que os outros falavam mas agir como os profissionais que eles são. E seguir todas etapas usando a lei e a equidade, não deixar a cor da pele mudar as coisas. E sobre tudo saber que ^{todo} ser humano é diferente e tem a sua forma de pensar e agir, não só porque tem um negro ^{trouxe} ~~trouxe~~ que todos os negros os são. Sabendo que eles estabeleceram a lei para ^{nao} fazer esta diferença da cor da pele.

Fonte: dados da pesquisa.

É importante ressaltar que todos participantes desse minicurso eram negros. Na resenha I podemos observar que o caso do Rafael Braga, deixa o participante “sem voz”, da mesma

²⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml>.

²⁵ Para a pesquisa em específico a análise de tais textos se mostrou mais relevante para o que estava sendo investigado e as demais produções não expostas aqui servirão para trabalhos futuros.

forma acredita que “estabeleceram a lei para não fazer essa diferencia da cor de pele.” Kilomba (2019), similarmente, ao definir o racismo, acredita no poder existente nele: “Por fim, ambos os processos são acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico. É a formação do preconceito e do poder que forma o racismo (p. 76)”.

Como também feito na elaboração de pré-projeto de pesquisa, observei que os participantes se sentiram mais à vontade para discorrer sobre o tema não apenas de forma escrita, como de forma oral. Ademais, se mostraram muito curiosos sobre o episódio das manifestações e pediram que eu mostrasse mais vídeos sobre o caso de Rafael Braga; o primeiro vídeo que assistimos falava sobre o julgamento por estereótipos²⁶, e em seguida, um vídeo que resumia o que se aconteceu com Rafael Braga²⁷. Contudo, os participantes visualizaram ao lado do vídeo que estava sendo apresentado, outras produções audiovisuais relacionadas ao tema, e assistimos, juntos, outro vídeo no *Youtube* sobre o tema²⁸.

Todo o grupo ficou curioso com o caso Rafael Braga e me questionaram o porquê da atitude dos policiais nesta situação, opinaram e consideraram ser um caso de racismo e injustiça, pois segundo eles, foi considerada apenas a cor da pele de Rafael.

Vale ressaltar que utilizei as manifestações de junho de 2013, julgamento de estereótipos e o caso de Rafael Braga como forma de recolher de maneira mais formal a opinião daqueles a quem programa se destina, oferecendo também opções e bagagem a esses estudantes para a realização de uma resenha que falasse sobre o racismo e suas formas no Brasil.

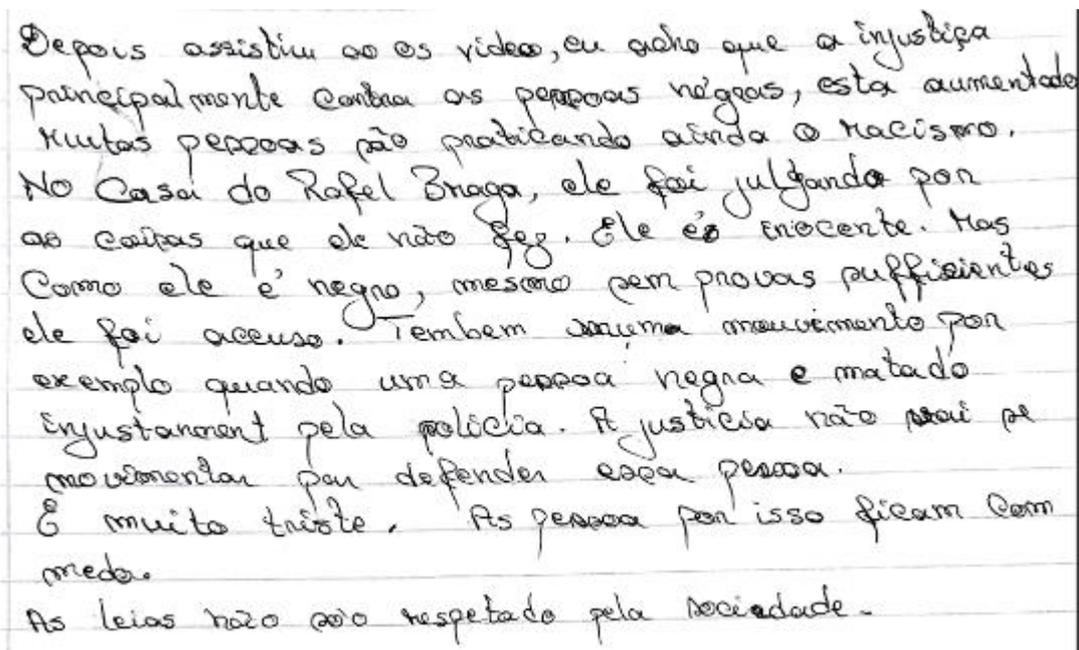
Na resenha 2, a seguir, podemos observar que o autor também acredita que houve injustiça pela cor de pele de Rafael.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U4oP9okziQc>

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4efeI5u1PsQ>

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nfqRjNBi3LU&t=303s>.

Figura 12 – Resenha 2 – Minicurso de elaboração de resenha



Depois assistiu aos os vídeos, eu acho que a injustiça principalmente contra as pessoas negras, está aumentando. Muitas pessoas não praticando ainda o racismo. No caso do Rafael Braga, ele foi julgado por as coisas que ele não fez. Ele é inocente. Mas como ele é negro, mesmo com provas suficientes ele foi acusado. Também ocorreu movimento por exemplo quando uma pessoa negra é matado injustamente pela polícia. A justiça não quer se movimentar para defender essa pessoa. É muito triste. As pessoas por isso ficam com medo. As leis não são respeitadas pela sociedade.

Fonte: dados de pesquisa.

Apesar da explicação teórica sobre o gênero, que constitui início, desenvolvimento e final, algumas das redações escritas os participantes pareciam estar confusos com a forma. Contudo, acredito que todos entenderam a característica principal de uma resenha: um resumo que possui seus comentários e opiniões. Acredito, também, que os vídeos, *slides* e textos expostos por mim durante a parte teórica do minicurso foram valiosos para os comentários expostos em suas resenhas. Todavia, também observei a dificuldade desses estudantes em acentuações, gramática e ortografia.

Acredito que o uso de computadores poderia ter auxiliado estes estudantes na elaboração da resenha. Contudo, mesmo após tentativas, não consegui nenhuma sala que pudesse disponibilizar um computador para cada participante. Entretanto, todos estávamos na Universidade de Brasília, com acesso à internet, portanto, deixei livre o acesso à Internet, por celular, aos estudantes, caso desejassem.

Na resenha 3, exposta na figura 13, o participante acredita que mais um rapaz foi julgado pela cor e não pelos seus atos, acrescenta também que os estereótipos acabam se tornando “excesso de racismo”. Iremos observar que na resenha IV o jovem também utiliza um parágrafo semelhante ao parágrafo feito na resenha 3, dizendo que após assistir vídeos sobre o assunto, expõe sua opinião.

Figura 13 – Resenha 3 – Minicurso de elaboração de resenha

Nós acabamos de assistir dois vídeos, uma primeira da entrevista do rapper EMIICIDA e a outro sobre a história do Rafael Braga. Ao meu ver, as duas têm um relacionamento: os estereótipos sobre a pele negra.

Existe muitos estereótipos no Brasil a respeito do ser negro; sexual, político, pobreza, violência etc. Mas as pessoas que julgam o preto pelas ações, de um só, estão todas erradas pois os preconceitos matam (psycho) psicologicamente, até fisicamente. Como o Emicida falou, quantas vezes a gente viu um negro julgado por causa da sua cor apenas? Inúmeras infelizmente. E, eu acho que a história do Rafael Braga é um exemplo justificando os propósitos do rapper. Mas um rapaz na prisão julgado pela cor, não pelos atos.

No Brasil, esses estereótipos que se tornam excessos de racismo na minha opinião têm que acabar e tudo tem que começar com as autoridades de justiça e também com as educações recalcadas. O Brasil é um país misturado de todas cores e nenhuma não tem que sofrer de injustiça.

Fonte: dados da pesquisa.

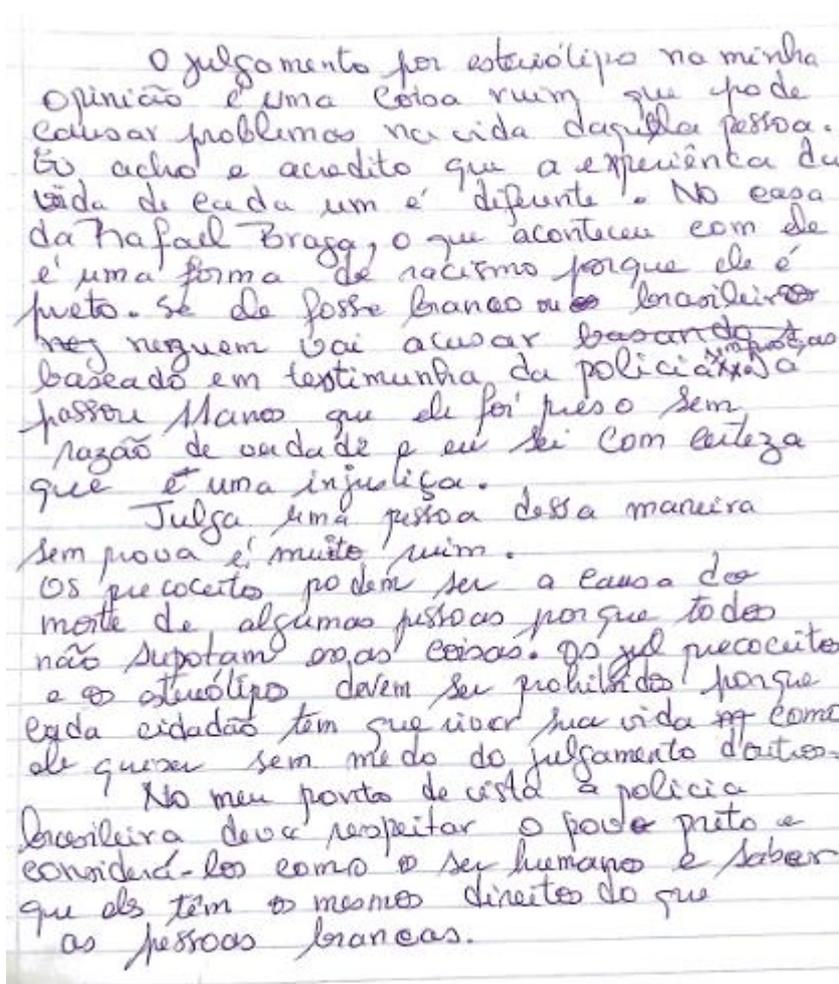
Figura 14 – Resenha 4 – Minicurso de elaboração de resenha

Hoje dia 22 de novembro de 2013, assistiu uma emissão que se chama "rapo rádio". Foi convidado Emicida, cantor brasileiro, rapper e compositor de Hip Hop com duas pessoas. Eles falavam sobre o julgamento estereótipo, político e estereótipo que mata. Segundo foi o caso de Rafael Braga Vieira que depois de uma manifestação no Rio de Janeiro em 11 janeiro de 2013 foi preso porque ele era um "pinhead". Aconteceu, mas tudo mundo acredita que ele é inocente. Eu acho que os dois assuntos são ligados, para mim que sou da cor preta é muitas questões: preconceito, racismo, injustiça. O Brasil foi criado graças pela culpa da colonização e ela teve um impacto mais negativo que positivo. Então a gente tem que se unir para salvar nossa existência.

Fonte: dados da pesquisa.

Na resenha 5, exposto na figura 15, iremos observar que, o participante, além de acreditar que o episódio ocorrido por Rafael Braga seja uma forma de racismo, tentou elaborar a resenha com formato de início, desenvolvimento e final, ademais, também utilizou termos como “no meu ponto de vista”, “eu acho”, “acredito”, apontando, dessa forma, suas opiniões e comentários acerca do tema. Da mesma forma, acrescentou, como demais resenhas, a responsabilidade da polícia sobre: “no meu ponto de vista a polícia brasileira deve respeitar o povo preto e considera-los como o ser humano e saber que eles têm os mesmos direitos do que as pessoas brancas.”

Figura 15 – Resenha 5 – Minicurso de elaboração de resenha



O julgamento por estereótipo na minha opinião é uma coisa ruim que pode causar problemas na vida daquela pessoa. Eu acho e acredito que a experiência da vida de cada um é diferente. No caso da Rafael Braga, o que aconteceu com ele é uma forma de racismo porque ele é preto. Se ele fosse branco ou brasileiro ninguém vai acusar baseado em testemunha da polícia. Mas ele foi preso sem razão de verdade e eu sei com certeza que é uma injustiça.

Julgar uma pessoa dessa maneira sem prova é muito ruim.

Os preconceitos podem ser a causa da morte de algumas pessoas porque todos não sabem as coisas. Os jul preconceitos e os estereótipos devem ser proibidos porque cada cidadão tem que viver sua vida ~~em~~ como ele quiser sem medo do julgamento dos outros.

No meu ponto de vista a polícia brasileira deve respeitar o povo preto e considerá-los como o ser humano e saber que eles têm os mesmos direitos do que as pessoas brancas.

Fonte: dados da pesquisa.

Em resumo, somente duas das cinco resenhas escritas expostas situa o leitor ao conteúdo a ser resenhado, citando os vídeos assistidos. A resenha é um gênero acadêmico muito utilizado entre os estudantes universitários, possuindo um caráter informativo, opinativo e descritivo. Partindo desse pressuposto, constatei que a maioria das resenhas apresentam um foco no

desenvolvimento da opinião e crítica em detrimento da descrição dos fatos e do conteúdo informado pelos vídeos assistidos.

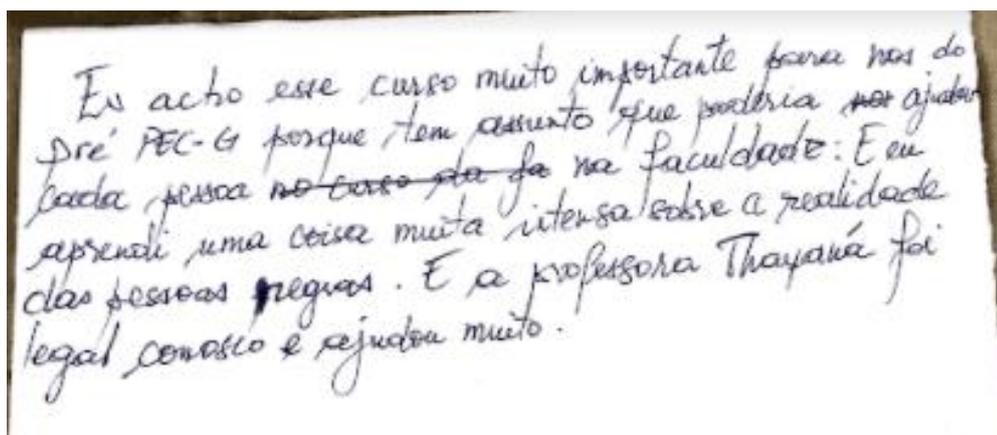
Da mesma forma, acredito que resenha seja um gênero que necessite de prática assim como um maior aprofundamento e apesar da formulação de suas opiniões nas resenhas elaboradas, elas ainda indicam dificuldade dos estudantes com relação a estrutura desse gênero. O próximo capítulo conta com a avaliação sobre os minicursos feita por esse grupo.

8 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO MINICURSO

Como forma de avaliar as atividades ofertadas nos minicursos de gêneros textuais, pensei em uma maneira dos participantes darem seus *feedbacks*, de forma anônima e livre, contendo o que acharam da prática. Tais avaliações serviram também para uma reflexão pessoal e aperfeiçoamento do minicurso.

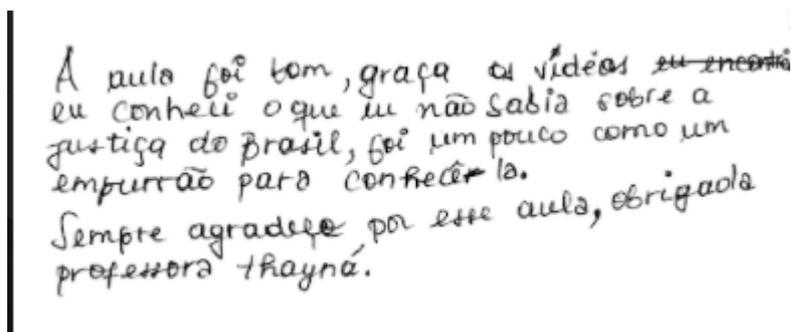
Nas avaliações presentes na figura 16 e 17, podemos observar que os participantes acharam o minicurso importante, pois descobriram assuntos que ainda não conheciam; na avaliação 1 vemos que o estudante diz ter aprendido sobre a realidade das pessoas negras, da mesma forma que a avaliação 2 não conhecia sobre a justiça do Brasil, e o minicurso “foi um pouco como empurrão para conhece-la”.

Figura 16 – Avaliação 1 – Minicurso de resenha



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 17 – Avaliação 2 – Minicurso de resenha

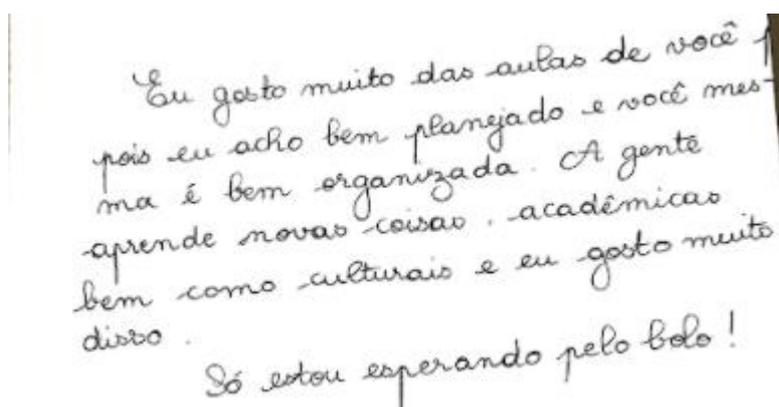


Fonte: dados da pesquisa.

Apesar de não se tratar de uma observação participante, que consiste na participação real do pesquisador com o grupo, se incorporando, ficando próximo, exercendo influência no grupo (MARCONI; LAKATOS, p. 194), me senti próxima do grupo em questão não apenas por ter observado a participação e curiosidade do grupo, assim como por ao todo tempo tentei interagir de forma leve e descontraída. Como professora, acredito que a extroversão em alguns dos momentos didáticos pode trazer maior confiança para um estudante participar da aula, distrair um jovem mais preocupado, entre outros.

Em um dos momentos de descontração, prometi que na próxima aula iria levar um bolo para comermos juntos, e um dos participantes se lembrou disso ao escrever sua avaliação, além de relatar que também aprendeu coisas novas, como apontado na figura 18 e figura 19.

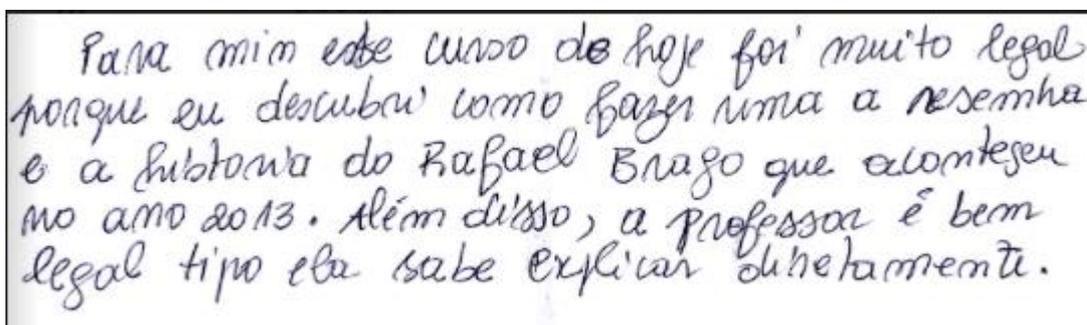
Figura 18 – Avaliação 3 – Minicurso de resenha



Eu gosto muito das aulas de você pois eu acho bem planejado e você mesma é bem organizada. A gente aprende novas coisas, acadêmicas bem como culturais e eu gosto muito disto.
Só estou esperando pelo bolo!

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 19 – Avaliação 4 – Minicurso de resenha

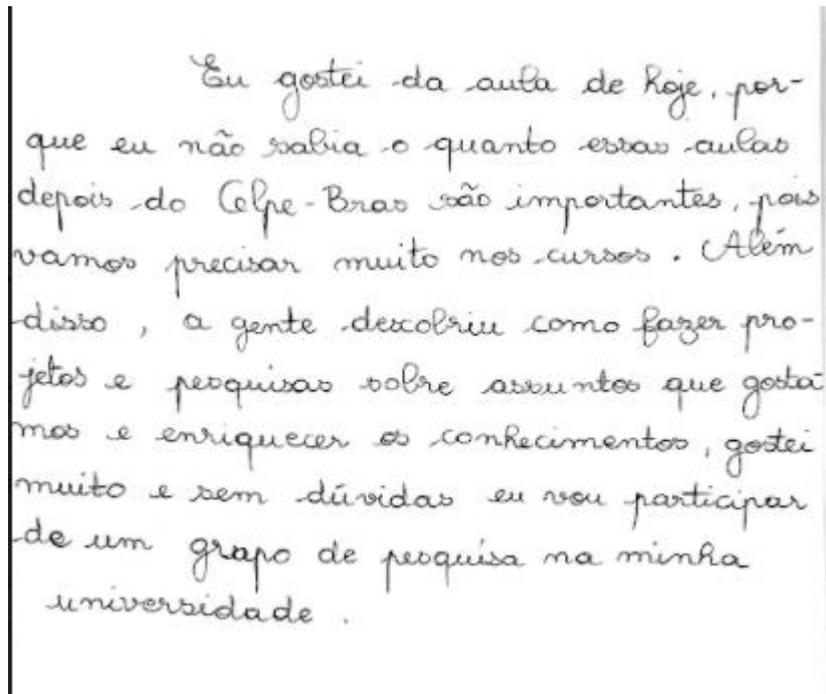


Para mim este curso de hoje foi muito legal porque eu descobri como fazer uma resenha e a história do Rafael Braga que aconteceu no ano 2013. Além disso, a professora é bem legal tipo ela sabe explicar detalhadamente.

Fonte: dados da pesquisa.

Além disto, os participantes não sabiam como realizar e que existiam projetos de pesquisas nas Universidades, como apontado nas avaliações presentes na figura 20, 21 e 22.

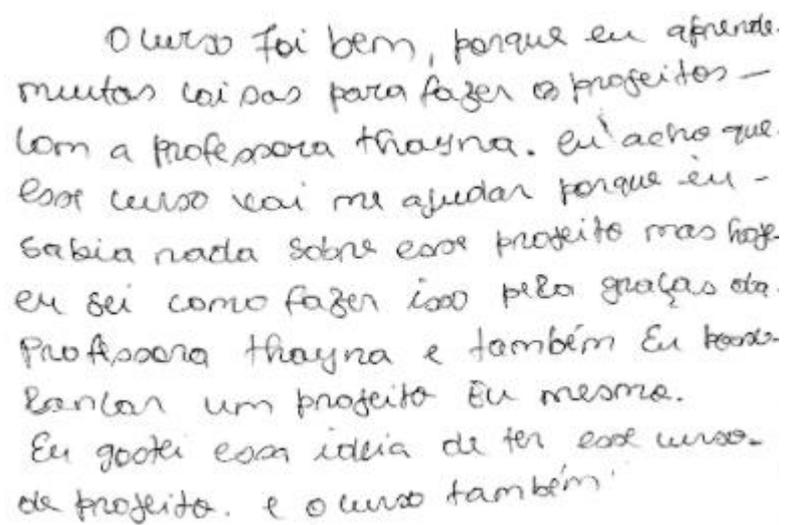
Figura 20 – Avaliação 5 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa



Eu gostei da aula de hoje, porque eu não sabia o quanto essas aulas depois do Celpe-Bras são importantes, pois vamos precisar muito nos cursos. Além disso, a gente descobriu como fazer projetos e pesquisas sobre assuntos que gostamos e enriquecer os conhecimentos, gostei muito e sem dúvidas eu vou participar de um grupo de pesquisa na minha universidade.

Fonte: dados da pesquisa.

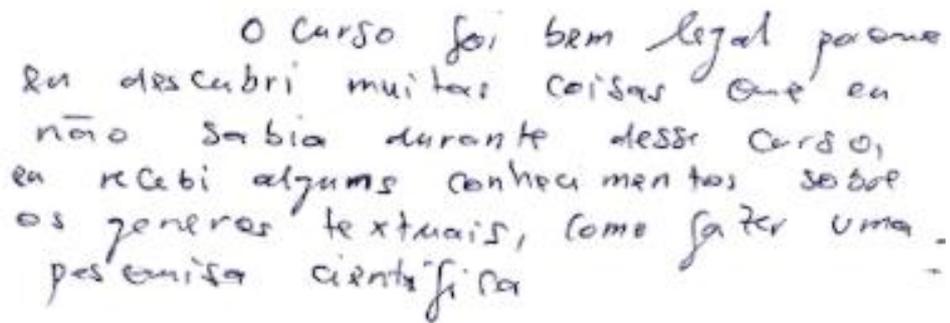
Figura 21 – Avaliação 6 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa



O curso foi bem, porque eu aprendi muitas coisas para fazer os projetos com a professora Thayna. Eu acho que esse curso vai me ajudar porque eu sabia nada sobre esse projeto mas hoje eu sei como fazer isso pelo graças da professora Thayna e também eu vou pensar um projeto eu mesma. Eu gostei essa ideia de ter esse curso de projeto. e o curso também!

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 22 – Avaliação 7 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa

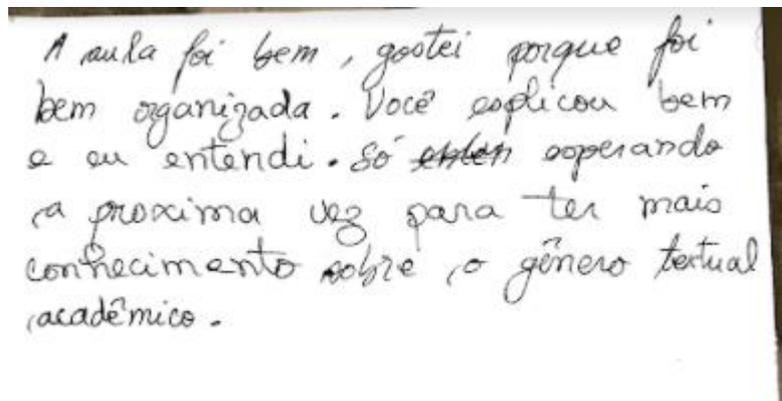


O curso foi bem legal porque eu descobri muitas coisas que eu não sabia durante desse curso, eu recebi alguns conhecimentos sobre os gêneros textuais, como fazer uma pesquisa científica.

Fonte: dados da pesquisa.

As demais avaliações dos minicursos falam sobre organização, o desejo de aprender mais sobre gêneros textuais, e mais uma vez, sobre estar aprendendo coisas novas, como mostrado nas avaliações 8, 9 e 10.

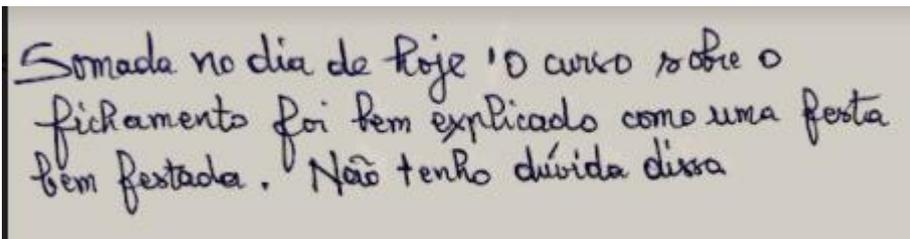
Figura 23 – Avaliação 8 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa



A aula foi bem, gostei porque foi bem organizada. Você explicou bem e eu entendi. Só ~~estou~~ esperando a próxima vez para ter mais conhecimento sobre o gênero textual acadêmico.

Fonte: dados da pesquisa.

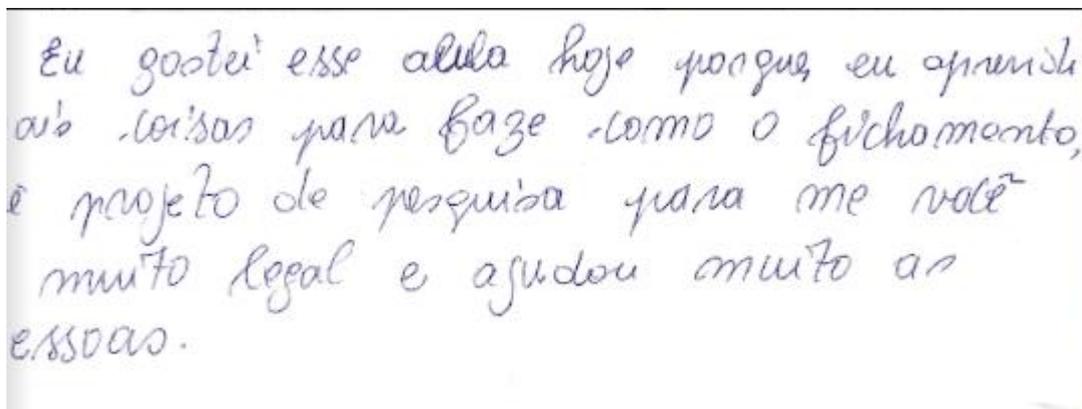
Figura 24 – Avaliação 9 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa



Somada no dia de hoje 'O curso sobre o fichamento foi bem explicado como uma festa bem festada. Não tenho dúvida disso

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 25 – Avaliação 10 – Minicurso de pré-projeto de pesquisa



Eu gostei esse aula hoje porque eu aprendi as coisas para fazer como o fichamento, e projeto de pesquisa para me vale muito legal e ajudou muito as pessoas.

Fonte: dados da pesquisa.

Para efeito de conclusão deste capítulo, faço algumas considerações que julgo necessárias no decorrer destes encontros com o grupo. Em primeiro, como professora e pesquisadora, me senti muito feliz com as avaliações realizadas pelos estudantes do pré-PEC-G, e pretendia continuar ensinando-os sobre gêneros textuais, infelizmente, devido à pandemia do Covid-19, as aulas da Universidade foram suspensas durante o primeiro semestre de 2020.

Além disso, considero que a quantidade de avaliações que falavam sobre o interesse em aprender tais assuntos revela a necessidade da Universidade de Brasília em pensar em um acolhimento, que, ao mesmo tempo que pensa na aprovação desses estudantes no CELPE-Bras, também leve em consideração a entrada deste grupo para a graduação no Brasil.

Acredito, da mesma forma, que esse grupo tem muito mais a nos ensinar, do que o contrário. Também reconheço a urgência de ações que se dedicassem a acolher institucionalmente esses estudantes, a produção científica é uma delas, mas, como observado, nem todos sabiam ainda dessa possibilidade dentro da Universidade. Por fim, acredito que as universidades em geral devam aproveitar de forma mais abrangente a presença desses estudantes durante os meses de preparação de curso de português e aos anos de graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo geral de ampliar a compreensão a respeito do Programa Estudante-Convênio de Graduação – PEC-G e a experiência de estudantes africanos (as) que estão no Brasil, mais precisamente na Universidade de Brasília. Isto posto, busquei apoio nas pesquisas já realizadas no Brasil sobre o referido programa, e principalmente, sobre os participantes envolvidos nele. À medida que avançava nessas pesquisas, fui ampliando minhas percepções sobre como o programa funciona no Brasil.

A análise bibliográfica sobre este acordo educacional ajudou-me compreender não apenas a permanência, mas sobretudo as vivências desses grupos de jovens estudantes estrangeiros nas diversas IES em diferentes regiões do Brasil. Constatei, por meio dessa análise que, dentre outros dados, o racismo e a indiferença sofrida pelos estudantes em suas vivências acadêmicas são forças prejudiciais que interferem no seu cotidiano.

Da mesma forma, foi possível depreender que, apesar de certa ausência de bibliografia na área, os estudos evidenciam dados importantes e contribuem não apenas para alargar a ótica em relação a este tema, mas sobretudo para garantir uma acolhida planejada dos estudantes.

Um dos objetivos específicos desta pesquisa foi observar e analisar os impactos de um minicurso de gêneros textuais ofertado por mim como forma de contribuir para a vida acadêmica de futuros estudantes (denominados pré-PEC-G). Para alcançar esse objetivo, realizei uma pesquisa semiestruturada com a finalidade precípua de minorar a ausência de informações sobre o referido grupo (pré-PEC-G) não apenas na Universidade de Brasília, como pelo Brasil.

Acredito que a “não-institucionalização” desses estudantes tem interferido negativamente para o não-acolhimento dos mesmos nas instituições e, conseqüentemente para o insucesso de uma parcela do grupo nessa experiência. A esse respeito, os dados obtidos mostram que, apesar de pequena parcela de estudantes não ser aprovada no exame CELPE-Bras, há que se medir as conseqüências negativas que acompanham a vida desses que voltam para a casa sem a oportunidade de atingir satisfatoriamente o objetivo de realizar uma graduação pelo referido convênio. Acho pertinente ressaltar também que o fato de o índice de aprovação ser superior ao número de reprovações, o grupo de aprovados vai se deparar com novos desafios e poucas oportunidades de coloca-las na pauta de políticas de inserção e de acolhimento.

Destaco, entretanto, que possam haver IES que contam com um acolhimento mais adequado a esses grupos de estudantes. Contudo, no contexto da Universidade de Brasília, foi possível constatar que não apresenta um acolhimento institucionalizado que considere as particularidades desses grupos. Desse modo, acredito que um acolhimento imediato a chegada desses jovens, como um simpósio ou evento que apresentassem ações para a permanência deles na UnB, seria pertinente. Ações como um acompanhamento acadêmico, através de tutores, uma central de ajuda/apoio, ou até mesmo cursos, durante, ao menos, os primeiros meses, poderiam modificar a realidade desse grupo.

A aproximação privilegiada que pude ter com esses estudantes na UnB mostrou que os mesmos passam por problemas financeiros, acadêmicos e alguns de ordem pessoal, em sua estadia pelo Brasil. Dentre os problemas, é necessário pensar em um acolhimento que acolha participantes em que sua grande maioria é negra. Do mesmo modo, pude aferir que tais problemas poderiam ser evitados com um acolhimento que, de fato, favorecesse a permanência desses grupos dentro da Instituição. Para isso, seria necessária uma política que incluísse, em editais já existentes dentro da UnB, uma porcentagem de vagas/bolsas financeiras, de moradia e até psicológica estipulada exclusivamente a este grupo. Caso esses jovens chegassem a Brasília cientes de seus direitos através dessas políticas teríamos, um grupo, no mínimo, aliviado nessas suas novas vivências acadêmicas por possuírem de fato, um apoio que acolhesse.

Ao ofertar os minicursos de gêneros textuais, pude observar, que os estudantes se mostravam a todo tempo, não apenas curiosos e interessados, mas ansiosos e esperançosos para o futuro que os aguardava. Como pude destacar, a maioria dos jovens não sabia das oportunidades e tampouco dos desafios que teriam que enfrentar em questão de meses.

Cabe ressaltar que essas mesmas dificuldades apresentadas são comumente abordadas também em outras pesquisas. Posso avaliar que, apesar de aparentarem ser complexas, podem ser resolvidas por meio de ações pontuais que tenham como objetivo auxiliar o grupo na caminhada dentro de um espaço pouco conhecido. Nesse sentido, a realização de um minicurso, por exemplo, que buscou explicitar o conceito e as características de gêneros textuais (resenha, pré-projeto e fichamento) frequentemente utilizados na graduação, contribuiu para esclarecimentos referentes a diferentes temas e para uma participação mais ativa e competente dos estudantes, no contexto universitário.

Um aspecto incontestável que as pesquisas mostram refere-se ao fato de que o convênio tem valor incontestável, interessante e enriquecedor não apenas para o público que dele

participa, mas sobretudo para as instituições que os recebem, pois se trata de um processo importante de internacionalização.

Contudo, tal experiência ganharia mais visibilidade e dinamicidade se os estudantes não tivessem que passar por dificuldades expressivas durante suas estadias. Por se tratar de um convênio entre países, deve haver possibilidades de se discutir e avaliar os pontos positivos e aqueles mais frágeis. Desse modo, poderiam ser implantadas políticas duradouras voltadas para os participantes desse programa com o objetivo de apoiar esses estudantes durante sua permanência no País.

No caso específico da Universidade de Brasília, que tem uma longa caminhada nesse Programa, podem ser ativadas ações dirigidas ao acolhimento desses (as) jovens que participam dessa ação pertinente e relevante para todos os envolvidos.

Cabe ressaltar as limitações desta pesquisa, mas ressalto que a compreensão, ainda que seja a partir de um recorte situacional e específico, mostrou a importância e algumas nuances presentes nesse convênio.

Da mesma forma, acredito que outras universidades situadas em diferentes regiões do Brasil podem se organizar e estabelecer formatos (mais ou menos unificados) para concretizar uma política duradoura de acolhimento que minimize as adversidades enfrentadas pelos grupos de jovens durante a realização do curso preparatório e depois durante a graduação e pós-graduação.

Durante a realização deste breve estudo, constatei que o PEC-G é (e se mostra) relevante e presente em diversas IES pelo Brasil. Entretanto, o Programa não conta com a atenção devida. Futuras pesquisas poderiam incluir as características existentes não apenas no convênio PEC-G, mas assim como nas particularidades dos participantes. Trata-se de um programa-convênio que envolve muito além de estudantes – O PEC-g envolve mundos distintos bem como suas respectivas culturas e tudo que elas abarcam – línguas, religiões, costumes, saberes, hábitos, crenças entre outros.

Em vista dessa realidade multifacetada, todos os elementos que chegam com estes estudantes deveriam ser melhor aproveitados pelas instituições. Desse modo, concluo que acolhê-los mostra-se não apenas necessário, mas urgente para uma efetiva participação e alcance de objetivos no contexto de uma trajetória acadêmica melhor orientada dentro das universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). **NBR 6.028**: informação e documentação — Resumo — Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, nov. 2003.

ALMEIDA, Rogério Alves de Souza. **O aluno estrangeiro e a universidade brasileira: evidências de um ciclo virtuoso: uma análise de experiências da UnB**. Dissertação (Mestrado em Economia) — Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38156>. Acesso em: 1 jun. 2021.

AMARAL, Joana de Barros. **Atravessando o Atlântico: o programa estudante convênio de graduação e a cooperação educacional brasileira**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

AMARAL, Joana de Barros; MENEGHEL, Stela Maria. Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G): de um programa da década de 1960 para uma política educacional. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, SC: UFSC, 4-8 out. 2015.

ANDRADE, A. M.; TEIXEIRA, M. A. **Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013**. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G. Brasília, DF: Presidência da República, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Superior. **Manual do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação – PEC-G**. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/docs/Manual_do_Estudante-Convenio_PT.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

CÂNDIDO, Marcela Dezotti. **“Eu vejo o PEC-G como uma teia”**: narrativas de professoras do curso de português como língua adicional para candidatos ao programa de estudantes-convênio de graduação. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

CARVALHO, Karina de Sousa. **Análise de material didático de um curso preparatório para o CELPE-BRAS com foco na interação face a face**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

CHIZZOTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-36, 2003. Universidade do Minho.

CÓ, João Paulo Pinto. **Filhos da independência**: etnografando os estudantes Bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e Natal-RN. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2011.

DIVISÃO de Temas Educacionais e Língua Portuguesa (DELP). **Ministério das Relações Exteriores (MRE)**, [?]. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php>. Acesso em: 3 ago. 2021.

EL ANDALOUSSI, K. **Pesquisas-ações**: ciências, desenvolvimento, democracia. Trad.: Michel Thiollent. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GUSMÃO, N. M. M. **Os filhos da África em Portugal**. Antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

GUSMÃO, N. M. M. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. **Colóquio internacional saber e poder**, Campinas, SP, p. 43-65, 2011.

HIRSCH, Olivia Nogueira. **“Hoje eu me sinto africana”**: processos de (re)construção de identidades em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad.: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFFA, Vilson J. A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 6., 2001, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 out. 2001.

LIMA, L. S.; FEITOSA, G. G. Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão. **Psicologia & Sociedade**, ed. 29, 2017.

MACHADO, Anna Rachel; LOUZADA, Eliane Gouvêa; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Série Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos. v. 2.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2003.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). Informações ao candidato. **Governo Federal**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/oportunidades-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/informacoes-ao-candidato>. Acesso em: 4 ago. 2021.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 13. ed. [S.l.]: Atlas Ltda, 2019.

NETO, J. M.; TEIXEIRA, P. M. M. Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Ciênc. Educ., Bauru**, v. 23, n. 4, p. 1.055-76, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 10. ed. Petrópolis, RJ: [s.n.], 1985.

SOUSA, Alzira Dias de. **O programa de estudantes-convênio de graduação na universidade federal da Bahia: percepção dos estudantes PEC-G oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – anos 2009 – 2013**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

YAMANAKA, Juliana Harumi. **Construindo um caminho para o PEC-G: experiências, crenças e identidades na aprendizagem de PL2**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

ANEXO A – PARECER DA COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO DO IL



PARECER Nº 2/2019/@SIGLA_UNIDADE@
PROCESSO Nº 23106.143915/2019-44
INTERESSADO: @INTERESSADOS_VIRGULA_ESPACO@
ASSUNTO: PARECER

Parecer da Coordenação de Extensão do IL.

Senhor Presidente do Colegiado de Extensão do IL

Prof. Dr. Anderson Luís Nunes da Mata,

I. RELATÓRIO

1. O Curso de Gêneros Textuais Acadêmicos tem como público-alvo estudantes da UnB, conforme a seguinte descrição: "Alunos africanos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação".

II. FUNDAMENTAÇÃO

2. A Resolução CEPE 60/2015, que estabelece fundamentos, princípios e diretrizes para as atividades de extensão da UnB, define em seu Artigo 1º. que "Extensão, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade". Explica, ainda, o Artigo 2º. da mesma Resolução, que "As atividades de extensão na Universidade de Brasília (UnB) têm como objetivo primordial promover uma relação universidade/sociedade mutuamente transformadora, articulando ensino e pesquisa, por meio da arte, da ciência, da tecnologia e da inovação."

3. A ação apresentada tem como público-alvo apenas membros internos à UnB, desviando-se, pois, da natureza e dos objetivos das ações de extensão da UnB.

III. CONCLUSÃO

4. A ação não tem caráter extensionista. Recomendo, pois, a sua reprovação.

À consideração superior.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Claudia da Silva, Coordenador(a) do Instituto de Letras**, em 22/11/2019, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

**ANEXO B – PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DO MINICURSO DE ELABORAÇÃO
DE FICHAMENTO E PRÉ-PROJETO DE PESQUISA**



**ANEXO C – PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DO MINICURSO DE ELABORAÇÃO
DE RESENHA ACADÊMICA**

**MINICURSO DE
ELABORAÇÃO DE
RESENHA ACADÊMICA**

OFERTADO PELA MESTRANDA THAYNÁ
MARQUES
COM ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA
DOUTORA LÚCIA DE ASSUNÇÃO
BARBOSA

22 de novembro
14h às 18h
SUBSOLO DO ICC SUL, MÓDULO 4

**CLIQUE AQUI PARA SE
INSCREVER***

ANEXO D – PERGUNTAS DE ENTREVISTA

1 – Há quanto tempo você dá aula para o grupo pré-PEC-G?
2 – Qual é a matéria que você oferta?
3 – Para você, existem dificuldades enfrentadas por este grupo?
4 – Você acha que a Universidade de Brasília consegue acolher institucionalmente esses estudantes?
5 – Caso exista, quais são as dificuldades que você observa em sala de aula?
6 – Você acha que a Universidade de Brasília oferece uma preparação adequada a esses estudantes para o exame CELPE-Bras?
7 – Você acha que a Universidade de Brasília oferece uma preparação adequada a esses estudantes para a graduação?
8 – Você já realizou alguma ação individual com o objetivo de oferecer um acolhimento mais adequado a algum desses estudantes? Se sim, qual?